PLACAR

EDIÇÃO ESPECIAL GRANDES REPORTAGENS

FALCÃO
"Como me tornei o Rei de Roma"

IMAGINA NA RÚSSIA
Por que os russos não acreditam no sucesso do Mundial de 2018

ESPANHA 1982
A história além da tragédia do Sarriá

E MAIS
- A vida de Neto na televisão
- 15 anos de Penta com fotos inéditas
- Japão, o ex-eldorado do futebol
- Nordestão: nossa Lampions League

ENTREVISTA

TITE

e a estratégia para ganhar a Copa

A HORA CERTA DE PERDER, QUEM AINDA TEM CHANCE COM ELE E NOSSOS ADVERSÁRIOS MAIS DIFÍCEIS: O QUE PASSA NA CABEÇA DO TÉCNICO DA SELEÇÃO A UM ANO DA COPA

PRATIQUE
ORGANIQUE
Porque seres vivos são orgânicos
O ENERGÉTICO ACABOU DE EVOLUIR.
VÁ COM ELE!
Mude para o primeiro e único energético 100% natural e orgânico
Sem conservantes, sódio, corantes, taurina e outras substâncias químicas
Ação energética prolongada e sem efeitos colaterais
Sucesso no Japão, Estados Unidos, Chile e outros países
Reconhecimento de qualidade orgânica
ORGANIQUE
100% NATURAL BRAZILIAN ENERGY
ORGANIQUE
AÇAÍ, MATE, GUARANÁ
Acesse assinegobox.com.br e receba seu energético, com desconto, em casa.
GO BOX

PRELEÇÃO

O prazer da leitura

A edição deste mês de Placar traz ao leitor o melhor de nossa tradição: bom jornalismo, visão própria e original do futebol e o prazer da leitura. Para isso, convocamos um time de colaboradores de primeira. O caso mais afetivo para nós é o de Estevam Pereira, ex-jornalista da Placar, que há muitos anos se dedica a um projeto próprio de jornalismo e sustentabilidade, mas que sempre esteve por perto, como fazem todos aqueles que amam a Placar. Estevam escreveu sobre a Copa do Mundo de 1982, que para a maioria dos brasileiros se resume à derrota para a Itália, no estádio Sarriá. Estevam sempre questionou essa visão daquele evento, que considera distorcida. E, nas conversas de boteco, contava que houve muito mais naquela Copa. Foram essas conversas que ele transformou em um brilhante texto. Nao bastasse isso, contamos na mesma edição com a colaboração de seu filho Rodrigo. Hoje estudante de história em Moscou, na Rússia, Rodrigo nos trouxe a visão local da coisa – como a população está vendo a preparação e os fatos que antecedem a Copa do Mundo naquele país daqui a um ano. Visão de mundo não falta nesta edição. Takashi Ogami, editor chefe da *SHUKYU Magazine*, uma brilhante revista de futebol no Japão (http://shukyumagazine.com/), nos traz a visão do futebol em seu país, após 25 anos do início da primeira liga profissional. Ainda pelo mundo, a jornalista da revista VIP, Cláudia de Castro Lima, nos conta como funciona a escolha e o grande negócio de se tornar cidade-sede da final da Champions League, diretamente de Cardiff, no País de Gales, local da final de 2017, entre Real Madrid e Juventus. Tem mais! O craque Neto de peito aberto e a Fifa da várzea paulistana, organizada via Whatsapp.
Por fim, a história de um dos maiores craques da geração Placar, o genial Falcão. Ele nos conta, em primeira pessoa, como se tornou o "Rei de Roma" de forma sincera e brilhante. Imperdível!

Falcão: considerado uma lenda em Roma

EDITORA Abril
Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) | ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Conselho Editorial: Victor Civita Neto (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Alecsandra Zapparoli e Giancarlo Civita

Presidente do Grupo Abril: Walter Longo

Diretora Editorial e Publisher da Abril: Alecsandra Zapparoli
Diretor de Operações: Fábio Petrossi Gallo

Diretor de Assinaturas: Ricardo Perez
Diretora da Casa Cor: Lívia Pedreira
Diretor da GoBox: Dimas Mietto
Diretora de Mercado: Isabel Amorim
Diretor de Planejamento, Controle e Operações: Edilson Soares
Diretora de Serviços de Marketing: Andrea Abelleira
Diretor de Tecnologia: Carlos Sangiorgio

Diretor Editorial - Estilo de Vida: Sérgio Gwercman

PLACAR

Colaboraram nesta edição:
Rodolfo Rodrigues, Estevam Pereira, Rodrigo Ianhez, Takashi Ogami, Paulo Roberto Falcão (texto), L.E. Ratto (arte), Alexandre Battibugli e Ricardo Corrêa (foto) Lucas Ayres, Claudia de Castro Lima (reportagem) e Renato Bacci (revisão) Controle Administrativo: Cristiane Pereira Atendimento ao Leitor: Sandra Hadich CTI: André Luiz, Marcelo Tavares e Marisa Tomas
www.placar.com.br

PUBLICIDADE Cristiano Persona (Financeiro, Mobilidade, Imobiliário e Serviços Empresariais), Daniela Serafim (Tecnologia, Telecom, Saúde, Educação, Agro e Serviços), Karina Kattan (Bens de Consumo, Turismo, Entretenimento e Mídia), Rafael Ferreira (Moda, Decoração e Construção), William Hagopian (Regionais), André Beck (Colaboração em Direção de Publicidade - Rio de Janeiro), Christiane Martinez (Agências de PR e Associações) ABRIL BRANDED CONTENT Edward Pimenta ASSINATURAS Adalton Granado (Processos e Produção), Daniela Vada (SAC), Ícaro Freitas (Circulação Avulsas), Luci Silva (Relacionamento e Gestão Comercial), Patrícia Frangiosi (Comunicação), Rodrigo Chinaglia (Produtos), Wilson Paschoal (Canais de Vendas) MARKETING DE MARCAS Carolina Fioresi (Eventos), Cinthia Obrecht (Estilo de Vida e Femininas), Leander Moreira (Exame) ESTRATÉGIA DIGITAL Edson Ferrão MERCADO/BI Rafael Gajardo OPERAÇÕES DE PUBLICIDADE DIGITAL Renata Guimarães SEO Isabela Sperandio PARCERIAS E TENDÊNCIAS Airton Lopes PRODUTO Renata Gomes VÍDEO André Vaisman (Colaboração em Direção de Vídeo) Adriana Yoshida (Estilo), Alexandre de Oliveira (Técnico e Editorial), Rudah Poran (Arte e Corporativo) e Silvio Navarro (Informação) MARKETING CORPORATIVO Maurício Panfilo (Pesquisa de Mercado), Diego Macedo (Abril Big Data), Gloria Porteiro (Licenças), Thaís Rocha (Relações com o Mercado) DEDOC E ABRILPRESS Valter Sabino PLANEJAMENTO, CONTROLE E OPERAÇÕES Adriana Favilla, Adriana Kazan, Emiliene Pires e Renata Antunes RECURSOS HUMANOS Alessandra de Castro (Desenvolvimento Organizacional), Ana Kohl (Serviços de RH) e Márcio Nascimento (Remuneração e Benefícios) RELAÇÕES CORPORATIVAS Douglas Cantu (Gerente de Relações Públicas).

Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7.221, 20º andar, Pinheiros, São Paulo, SP, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000. Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: www.publiabril.com.br

PLACAR 1429 (EAN 789.3614.10753-0), ano 47, é uma publicação da Editora Abril. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. PLACAR não admite publicidade redacional.

Serviço ao Assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112 Demais localidades: 0800-775-2112
www.abrilsac.com

Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2145 Demais localidades: 0800-775-2145
www.assineabril.com.br

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO:
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens acesse: www.abrilstock.com.br

IMPRESSA NA GRÁFICA ABRIL
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP: 02909-900, São Paulo, SP

GRUPO Abril

Presidente AbrilPar: Giancarlo Civita

Presidente do Grupo Abril: Walter Longo

Diretor de Operações: Fábio Petrossi Gallo
Diretora Editorial e Publisher da Abril: Alecsandra Zapparoli
Diretor Superintendente da Gráfica: Eduardo Costa
Diretor Superintendente da Total Express: Bruno Tortorello
Diretor Comercial da Total Publicações: Osmar Lara
Diretor de Auditoria: Thomaz Roberto Scott
Diretora Jurídica: Mariana Macia
Diretora Corporativo de Marketing: Melina Konstadinidis Parcel
Diretora Corporativa de Recursos Humanos: Claudia Ribeiro

www.grupoabril.com.br

© CAPA DARYAN DORNELLES

SUMÁRIO

© GETTY IMAGES

Gol da Alemanha: com um time de aspirantes, os alemães animaram a Rússia na Copa das Confederações

A FIFA DA VÁRZEA

Dia de jogo organizado pela Liga Leste de futebol de várzea: Núcleo F.C. e Estrelas da U.D.V.

Sem dirigentes milionários e sequer uma sede própria, ligas amadoras de futebol de várzea, somente via Whatsapp, se organizam para promover e realizar jogos, além de aplicar disciplina em São Paulo

por Lucas Ayres / fotos Alexandre Battibugli

Ao contrário da entidade suprema do futebol mundial, com sua sede luxuosa, a única coisa parecida com cristal que uma espécie de Fifa da várzea possui, em São Paulo, são as telas dos celulares de seus líderes. Usando o aplicativo mais popular no Brasil, o Whatsapp, ligas de futebol de várzea retomam algumas das maiores tradições do futebol local, com dezenas de jogos semanais e uma incrível capacidade de mobilização de jogadores em campos da periferia, que já foram celeiros de muitos craques.

Foi preciso apenas um grupo no Whatsapp para iniciar a união dos times da várzea paulistana. Hoje são vários. "Tem o grupo da liga de sábado, de domingo, de terça, de quarta", enumera Ricardo de Lima, o "Boca", como é chamado o administrador do grupo "Liga Extremo Leste", que conta com mais de 200 membros, cada um representando um time. Boca faz parte ainda de outros 20 grupos, todos voltados para promover os jogos de várzea. O motorista de 40 anos é o representante da Liga Leste no grupo "Liga dos Adms", que centraliza a comunicação entre todas as ligas da várzea, emulando o esquema que a Fifa implanta no futebol profissional. Lá eles se dividem em confederações; aqui, por sua vez, são as regiões de São Paulo que estabelecem cada limite. "Tem pelo menos um representante para cada região. A Oeste é a maior, com quatro, mais dois da Leste, dois da Sul e ainda há representantes para os lados do ABCD, interior e Baixada Santista, que eu cuido", explica Valter Henrique, o Valtinho, representante da Liga Norte.

Assim como Boca, Valtinho é "adm" de diversos grupos no Whatsapp, cada um representando uma liga, que seria a simples associação das equipes, por afinidade ou localização. Nesses grupos, os responsáveis por cada equipe se comunicam e se convidam para jogos de intuitos diversos, sejam amistosos, sejam torneios, copas ou festivais. Eles podem valer premiações, ter uma agenda beneficente, arrecadando roupas e alimentos, ou ser simplesmente amistosos para diversão.

Os grupos funcionam como um mural, no qual os times fazem seus anúncios, chamando visitantes ou alguém para recebê-los. Anunciam também as categorias que desejam enfrentar: Esporte (35 anos ou menos), Veteranos (de 35 para cima, subdividindo-se em quarentões, cinquentões e sessentões) e Mesclado. A primeira e a última são as mais comuns. "Aí os times vão para o privado e se acertam", diz Evandro da Cruz, o Cabral, que juntamente com Boca e com Alberto de Oliveira, o Alemão, forma o trio organizador atuante do Leste da várzea de São Paulo. Os três se conheceram nos campos e foram se convidando para participar da organização da Liga, começando com Boca. "O Alberto já estava na Liga fazia uns cinco meses, por ser conhecido, ser referência. Aí, quando eu vim jogar aqui no Morgante [campo de várzea, um "terrão"], eu pedi para ele me colocar só para marcar os jogos", conta. "Fui marcando aqui, ajudando lá, quando vi eu já estava na organização", lembra o motorista, que se animou com a responsabilidade e o interesse de Alemão, um comerciante que "herdou" a administração do campo e das dependências do mesmo Morgante, localizado na Vila Regina, na periferia paulistana. "Era dos meus avós, aí nenhum primo meu quis, então eu assumi. Daí para a organização foi rapidinho", conta Alemão.

Da mesma forma, Cabral foi convidado para participar. "Eu também jogava desde moleque no meu time, o Leões da Zona Leste, mas sou pior que os dois, aí eu fui para a diretoria", admite, aos risos, o projetista de 35 anos. Hoje, os três estão afastados do jogo, na prática, mas não dos campos. "A gente está sempre aí nos jogos. Tem dia que eu chego às 9h e saio às 17h", afirma Boca. O trio atua, além do Whatsapp, servindo de apoio para as partidas da Liga Leste, na cronometragem, separando vestiários, comunicando-se com os árbitros, fazendo as

OS GRUPOS DE WHATSAPP FUNCIONAM COMO UM MURAL PARA MARCAÇÃO DE JOGOS E ADMINISTRAÇÃO DAS REGRAS

Regulamento da Fifa da Várzea

A LIGA LESTE MANTÉM UM REGULAMENTO DE PARTICIPAÇÃO NÃO SÓ NA PRÓPRIA LIGA, MAS PARA O BOM USO DO WHATSAPP EM SUAS ATIVIDADES. CONFIRA OS PRINCIPAIS PONTOS

- O grupo é exclusivamente para marcar jogos e falar sobre a várzea

- É proibido postar mensagens com conteúdo de racismo, assédio, pornografia, correntes ou ativismo político (usuários que fizerem isso estão sujeitos a banimento e exclusão do grupo)

- W.O. não será tolerado! Exceto em caso de morte

- Os integrantes da Liga Leste não têm interesse em saber as suas opiniões pessoais sobre times de futebol profissional, assuntos políticos, aquecimento global, novelas da Globo, Canal da Kéfera, entre outros

- Evite ser chato

- Saiu para visitar, respeite a comunidade e seus moradores

- Jogou em casa, receba o visitante com respeito e humildade

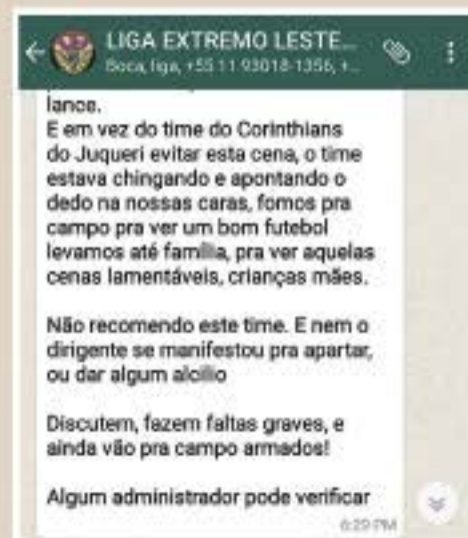
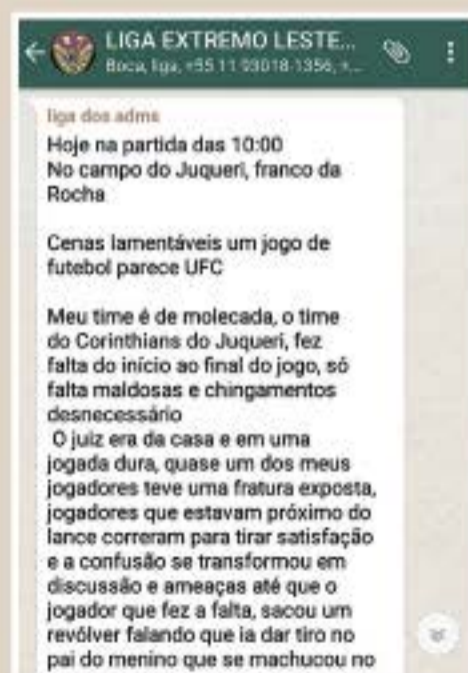
- Trazer uma bola em boas condições de uso

- Conversar para o juiz não ser injusto. Apitar igual para os dois lados

Dezenas grupos

OS GRUPOS DE WHATSAPP REPLICAM AS ESTRUTURAS DAS LIGAS E CONECTAM OS TIMES PARA QUE OS JOGOS SEJAM MARCADOS. SÃO DEZENAS DE GRUPOS ATIVOS

Em caso de B.O.

OS PARTICIPANTES DA LIGA, VIA APLICATIVO, RELATAM OS INCIDENTES DURANTE OS JOGOS E A AUTODISCIPLINA COMPARTILHADA É APLICADA AOS TIMES NA PRÁTICA

Vista do "terrão", campo de várzea típico paulistano. A comunidade assiste de perto aos jogos entre times de bairros distantes. Os organizadores da Liga Leste, Boca, Cabral e Alberto, estão sempre conectados no Whatsapp

O WHATSAPP FEZ RESSURGIR A FORÇA DA VÁRZEA PAULISTA, TRADIÇÃO NO FUTEBOL LOCAL, E ENCURTOU DISTÂNCIAS

vezes de oficiais das partidas.

Há, porém, uma função cumprida pelos três, e por todos os representantes das outras zonas, que realmente mudou o futebol de várzea da cidade: a de zelar por boas práticas nos jogos. "Quando acontece alguma coisa no jogo, quando um visitante falta com respeito ou um time não recebe bem o adversário, é violento, a gente joga nos grupos, e todas as ligas, daqui até a Oeste, ficam sabendo, e não chamam mais essas equipes", diz Cabral. A maioria dos casos é de W.O. "É uma sacanagem com quem veio, né? Nos jogos de fim de semana, os times têm até quarta-feira para desmarcar, senão já soltamos nos grupos", diz Cabral.

O caminho da denúncia é simples e muito eficiente. Boca, Cabral ou Alemão escrevem no grupo da Liga dos Adms, que por meio de representantes espalha por todos os grupos de todas as regiões. O intuito, segundo eles, é manter a disciplina. "É a contrapartida. A gente ajuda, organiza, mas exige disciplina", sentencia Boca.

Realmente é transformador o cenário em que se encontram os times da várzea filiados às ligas por Whatsapp. Além de aglutinar e organizar um enorme contingente de equipes e atletas amadores, espalhados após o fim da tradicional Copa Kaiser, até então o maior torneio de várzea de São Paulo, a associação rege um poder regulatório, baseado nas denúncias nos grupos e num regulamento – feito por Boca e "copiado pelas outras ligas", segundo o próprio – que tem coibido não apenas descasos das equipes, mas a violência real nos campos.

"Quando eu era moleque, uns 18 anos, vi um cara tomar tiro dentro de campo. Aquilo me marcou", lembra Boca. "Eu vi meu amigo, meu parceiro, tomar tiro à queima-roupa. Ele tomou a arma de quem tinha puxado e devolveu falando pro cara ir para casa, não arrumar confusão. Levou um tiro logo em seguida", lembra Cabral, com os olhos marejados. "Olhar isso lá atrás e ver que estamos combatendo é uma sensação muito boa", diz Boca. Em uma partida recente, Alemão conta que ele e Boca foram agredidos após uma confusão generalizada no meio do jogo, iniciada quando um adversário puxou uma arma contra o árbitro. "Eu apanhei duas vezes: na falta, que o juiz marcou, e na pancadaria." O caso foi prontamente compartilhado nos grupos, e o time agressor ficou fora de ação por um bom tempo.

A prática de expor nos grupos do Whatsapp as ocorrências nas partidas tem formado uma autodisciplina nos times que participam dos jogos, que acabam punindo seus próprios atletas e dirigentes em caso de indisciplina ou furos nos jogos. Por parte da Liga, na maioria das vezes, a penalidade vem em forma multas, pagas com cestas básicas, que são depois doadas a instituições de caridade. "É a única hora que tem briga entre nós três, porque eu quero levar para um lugar, ele quer para outro, o outro para um terceiro", confessa Cabral, apontando para seus companheiros. Ter um viés social na liga, para seus dirigentes, é uma das recompensas. "É muito bom você ver um projeto seu ajudar as pessoas de verdade. Os 'B.Os' que a gente arruma um para o outro são esquecidos na hora", afirma Cabral, sem esconder a emoção. " A gente não cobra nada para fazer tudo isso. Tem gente que ganha a vida nisso, mas nós doamos a nossa, e é muito gratificante", conclui Boca.

Uma liga inteira de futebol, complexa, com centenas de times organizados via Whatsapp, parece ser mesmo um fenômeno possível apenas no Brasil. Um país que é apaixonado por futebol e que se tornou o maior usuário do aplicativo no mundo. A improvável liga autorregulamentada e democrática tem muito a ensinar. "Poder público, iniciativa privada... Se eles pudessem ver o *mailing list* que temos, a base, o potencial que nossa liga oferece, na várzea, poderíamos fazer muito mais", diz Cabral. Fica a dica – até para a Fifa.

LAMPIONS LEAGUE

Como a Copa do Nordeste se tornou um sucesso na TV e vem incomodando a Globo na disputa com o Esporte Interativo pelos direitos de transmissão do evento

por Lucas Sposito

Jogadores de Sport e Bahia perfilados diante da taça: ritos que lembram a Champions League

© DIVULGAÇÃO

Show de luzes, estádio lotado, bola personalizada, uniformes com patches, taça especial... Até a moeda do "cara ou coroa" é própria para a partida. Parece que é da final da Champions League que estamos falando, mas foi a Copa do Nordeste que trouxe essa nova realidade para a América do Sul.

Mais de 40 000 pessoas foram à Arena Fonte Nova assistir à final de 2017, na qual o Bahia sagrou-se campeão com uma vitória sobre o Sport. A grande festa, que também surpreendeu qualquer um que estivesse sentado em frente à TV, foi só a coroação de um torneio que tem de tudo para se firmar de vez no calendário brasileiro.

A Copa do Nordeste é valorizada na região há mais de 20 anos, mas alguns hiatos entre uma edição e outra acabaram deixando a coisa um pouco desorganizada. Em abril de 2001, uma capa da Placar já chamava o Nordestão de "Melhor Campeonato do Brasil". Contudo, devido a problemas políticos, a competição ficou sem as edições dos anos de 2004 a 2009.

O sucesso desta nova fase, que vem numa sequência desde 2013, é o resultado de um projeto um pouco mais complexo. Cada ação de marketing é alinhada entre clubes, federações, a Liga do Nordeste, a CBF e os detentores de direitos de imagem.

Hoje, além dos arranjos especiais para a final, o torneio tem toda uma identidade caprichada. Sua vinheta, por exemplo, é composta por ninguém menos que Eduardo Souto Neto, o responsável pelo "Tema da Vitória", que ficou tão famoso pelos pódios de Ayrton Senna entre os anos 80 e 90. Outras peculiaridades, como a mascote Zeca Brito, também dão uma cara mais própria à competição.

Sucesso na TV

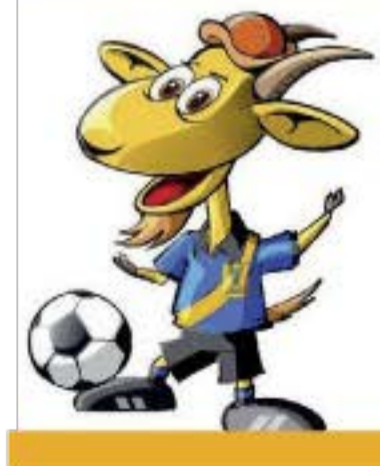
O grupo Turner, dono dos canais Esporte Interativo, vem investindo pesado na competição. São eles que atualmente têm os direitos de TV aberta e fechada e inclusive negociam para que outros canais possam transmitir. É nesse esquema que a Rede Globo torna-se apenas uma recebedora, o que já quebra um tradicional protocolo do futebol brasileiro.

O alto valor da Copa do Nordeste não é apenas para quem negocia a redistribuição dos direitos. Diretamente à competição, o próprio grupo Turner hoje paga algumas dezenas de milhões de reais entre TV aberta e fechada – valor muito superior ao que a Globo gasta com a Primeira Liga, por exemplo.

Em termos de audiência, a edição de 2017 foi um show à parte, principalmente a final. Só na página de Facebook do Esporte Interativo, o vídeo que mostrava o show de luzes na abertura da festa teve mais de 5 milhões de visualizações – número que se multiplica se contarmos todas as outras páginas que tomaram o conteúdo "emprestado".

Durante o jogo entre o Bahia e o Sport, a Rede Globo registrou 41,4 pontos de audiência em Recife e 37,8 em Salvador, números de topo para o futebol nacional no ano. A final só foi ultrapassada pela semifinal, em partida disputada por Sport e Santa Cruz, que marcou incríveis 47,4 pontos em média domiciliar.

© DIVULGAÇÃO

© DIVULGAÇÃO

A bola oficial da competição leva o nome de Asa Branca. A taça oficial, a exemplo da taça Fifa, também faz um tour e promove a competição pela região Nordeste. A mascote atende pelo nome de Zeca Brito

O Bahia é o atual campeão da Copa do Nordeste, em conquista sobre o Sport

DIVULGAÇÃO

Briga pelos direitos

Todo esse sucesso, é claro, acaba sendo positivo para o Esporte Interativo. O contrato da Rede Globo expirou na edição deste ano, e, até agora, nenhum canal aberto conseguiu fechar um novo acordo pelos direitos.

Em contato com a Placar, Bernardo Ramalho, diretor de direitos nacionais no Esporte Interativo, explica que a Copa do Nordeste é agora mais disputada no mercado televisivo: "A competição se valorizou, e, consequentemente, os direitos também. O interesse do público tem se refletido diretamente no aumento do público nos estádios e na audiência na TV".

"Hoje, tem tanta gente assistindo à Copa do Nordeste quanto aos grandes campeonatos europeus, como Italiano ou Francês. Então, nos parece razoável que os valores dos direitos se tornem equivalentes aos valores dessas competições. Nesse sentido, os valores da Copa do Nordeste em 2018 já estão alinhados – proporcionalmente à quantidade de jogos – aos valores dessas competições e ainda serão muito superiores aos valores da Primeira Liga, competição que envolve os clubes do Sul e Sudeste", completa Ramalho.

Apesar da ótima audiência, o aumento da pedida do Esporte Interativo não foi prontamente acatado pelo grupo Globo. O diretor de direitos esportivos do conglomerado, Fernando Manuel, confirma em entrevista à Placar que o grupo de mídia "tem interesse em todos os eventos que contam com a participação dos grandes clubes brasileiros", mas que ainda não fizeram uma oferta oficial para a transmissão.

Manoel diz: "Dentro desse contexto, temos imenso apreço e interesse pelo

André Henning é o narrador dos grandes jogos nas transmissões do Esporte Interativo

DIVULGAÇÃO

NA COPA DO NORDESTE, A ORGANIZAÇÃO DA COMPETIÇÃO E AS TRANSMISSÕES DE TV SÃO INSPIRADAS NOS GRANDES TORNEIOS INTERNACIONAIS

futebol do Nordeste, investindo e oferecendo ao público ampla cobertura dos clubes nas competições de que participam nos âmbitos regional, nacional e internacional, através de seus canais e plataformas. No entanto, é importante esclarecer que não foi apresentada pelo grupo proposta pelos direitos da Copa do Nordeste 2018 a qualquer entidade, seja aos clubes, seja aos organizadores ou mesmo aos detentores dos direitos de quem sub-licenciamos a competição para exibição em TV aberta neste ano de 2017".

Continua o diretor: "Sem prejuízo disso, como de costume, nos mantemos abertos ao diálogo, visando a construção de acordos sólidos, comercialmente fundamentados e que tragam benefícios ao futebol brasileiro, em especial a seus clubes e torcedores".

É visível que, com o atual crescimento, a Copa do Nordeste torna-se uma pedra no sapato da emissora, que não pode ignorar o que está se estabelecendo como um dos torneios mais importantes do país. Como os números apontam, a própria Globo já teve os resultados disso e sabe que quem quer que transmita as próximas edições vai liderar a audiência esportiva local.

Proximidade com os torcedores

Enquanto isso, o Esporte Interativo não esconde a empolgação com o torneio. É deles que surge o pontapé inicial para ações como o Tour da Taça, que faz com que a competição pareça ainda mais real aos seus fãs. O dinheiro gasto em tudo isso prova-se valioso para o futuro.

"Como grupo de mídia, acreditamos que nosso papel vai muito além da exibição dos jogos. Cuidar de uma competição deveria ser uma obrigação dos detentores de direitos porque, no final, é a forma de valorizar o que exibimos para os nossos fãs", conta Ramalho. "Na Copa do Nordeste, não inventamos a roda. Copiamos os melhores exemplos das grandes competições do mundo – com destaque para a Liga dos Campeões – e adaptamos para a região".

"Tem sido muito satisfatório ver que cada ação é abraçada pela torcida, clubes, federações e patrocinadores. Essa parceria em todas as esferas torna a Copa do Nordeste uma competição forte e valorizada nacionalmente".

O campeonato também se mostra empolgante para quem narra e comenta. Trabalhando por anos com futebol internacional, André Henning, um dos pioneiros do canal, agora tem a chance de transmitir jogos de grande dimensão que ainda assim tenham essa intimidade com os telespectadores.

"Eu tive a oportunidade de narrar todas as finais de Copa do Nordeste, desde que a competição voltou ao calendário nacional, em 2013, e posso dizer que em poucas competições o envolvimento entre quem assiste, quem está no estádio, quem joga e quem transmite é tão forte", diz Henning. "Eu, que morei por muitos anos em Salvador e cresci vendo jogos na Fonte Nova, sou ainda mais sensível a esses momentos de emoções extremas com a Copa do Nordeste e me sinto muito honrado em ter comandado transmissões históricas, com jogos disputados, torcida fazendo a diferença, jogadores lutando pelo seu espaço no cenário nacional, participação de interatividade o tempo todo, repórteres em cima da notícia, comentaristas envolvidos com cada lance. Modéstia à parte, temos feito um grande trabalho e mostrado a competição mais legal do Brasil para muita, mas muita gente mesmo".

Apesar da questão da divisão de direitos de TV ainda indefinida, a organização para as próximas edições segue bem alinhada. A intenção é que mais equipes possam participar, mesmo que com eliminatórias maiores, sem baixar o nível da competição principal. Aumentar a média de público, que já é maior que as dos estaduais, também está nos planos. Pouco a pouco, a Lampions League mostra que pode voar bem mais alto.

CRAQUE NA BOLA, GÊNIO NA TV

Como é a rotina do "Craque Neto", o ex-jogador que se reinventou trabalhando na televisão como comentarista e apresentador, quase superando o excepcional jogador que ele foi nos anos 80 e 90, conquistando novos fãs, *haters*, desafetos e bons números de audiência

texto e fotos Ricardo Corrêa

Se você tem menos de 25 anos, dificilmente viu o "Craque Neto", como se autodenomina o apresentador e comentarista da TV Bandeirantes, jogar. Azar seu. Neto foi de fato um craque. Canhoto, batia na bola como ninguém: exímio cobrador de faltas, excelente nos lançamentos, visão de jogo que compensava a luta contra a balança nos 15 anos de carreira. Neto sempre foi um jogador polêmico, arredio no trato, duro com as palavras, obstinado, agressivo – muitas vezes no bom, mas muitas outras no mau sentido. No bom, quando ia para cima, com raça, enfrentando defesas mais duras e sendo vertical no sentido do gol. Aliás, cada golaço. Num deles, de bicicleta, em pleno Morumbi, na primeira partida da final do Paulistão de 1988, contra o Corinthians, comemorou o gol com o modesto grito: "Eu sou foda". No mau sentido, quando se deixava levar pelo nervosismo, pela fúria. Como em 1991, ao ser expulso atuando pelo Corinthians contra o Palmeiras, cuspiu no árbitro de futebol José Aparecido de Oliveira. Após pedido de desculpa, o árbitro o perdoou.

Foi com esse craque Neto – no meu ideário, que vi jogar e que por dezenas e dezenas de jogos fotografei, e com quem nunca mais tive contato desde então – que fui passar um dia, acompanhando sua rotina, para descobrir como era o comunicador Neto nos dias de hoje.

Eram 9 horas da manhã quando toquei a campainha de sua casa. Instalado em um confortável condomínio, não há sinais de riqueza extrema. A casa é bonita, grande, mas muito longe do pa-

De peito aberto: Neto revela uma de suas quatro tatuagens, sua filha Luísa quando bebê

drão das mansões dos atuais jogadores de sucesso no futebol brasileiro. Neto abriu a porta e me confundiu com outro Ricardo: "Achei que era outro Ricardo", talvez decepcionado. Convidou-me a entrar, parecia ter acabado de acordar, e confessou: "Eu estava dormindo, acabei de acordar. Você é do Placar, né?". O que para mim revelou a intimidade dele com a revista, que, apesar de ser feminina na definição, a maioria dos jogadores da geração dele, ou mais velhos, chama de "o Placar". Me senti em casa assim.

Neto me oferece café e abre uma conversa sem muita cerimônia. Mostra a casa e rapidamente me conta empolgado sobre a grande expectativa da semana, a chegada de seu terceiro filho, Júlio, nome em homenagem ao avô de sua mulher, Sandra. Aos 50 anos, Neto se prepara para ser pai novamente, agora na maturidade. O craque tem dois filhos de seu primeiro casamento: Luisa, 17 anos, e Gustavo, 11 anos, que moram com a mãe, além do enteado João Vítor, 9 anos, que vive com eles. O simpático garoto chama Neto de "tio", mas o craque o chama de filho, o trata como tal e faz questão de ressaltar isso. Não precisava dizer: percebia-se na interação dos dois que há amor na relação deles.

O que surpreendeu foi a presença corintiana na casa. Ok, sabia que ele é corintianíssimo, mas, ao contrário de muitos apresentadores de TV, não há hipocrisia. Está lá o São Jorge de madeira no sofá principal. Na mesa de centro, um enorme livro, com baixíssima tiragem, com grandes ampliações de fotos dos 100 anos do Timão. O livro raro deve ser manuseado com luvas, toque que recebi de Neto ao tentar abrir a caixa que abriga a publicação: " Eu não deixo ninguém mexer nesse livro, mas se mexer tem que usar a luva". Apesar dos cuidados, o cãozinho da casa, Zeus, comeu os cantos da caixa que abriga o livro – mas já foi perdoado. Ao me mostrar suas duas fotos no livro, foi minha vez de ficar feliz. Ambas eram da Placar e uma delas de minha autoria. Neto também ficou feliz com a coincidência.

Normalmente um ex-jogador guarda suas relíquias em casa. Neto não. Toda sua trajetória no futebol está abrigada em seu escritório na cidade de Campinas, interior paulista. Na casa, mesmo, tem coisas do Corinthians. Não suas coisas do período de glória que viveu no Parque São Jorge, mas coisas de torcedor mesmo. Além do livro e do São Jorge, uma réplica em tamanho original da Taça Libertadores ornamenta a sala. É

Duas horas de programa ao vivo. Não importa o tema, os debates são sempre intensos e apaixonados, com recheio de improváveis histórias dos craques do passado

Além dos filhos Luisa e Gustavo, Neto tem sua fé marcada no corpo

idêntica à original, incluindo as plaquinhas dos vencedores. O craque conta que mandou confeccionar na Argentina, com um especialista, e que falta atualizar as plaquinha dos vencedores após a conquista corintiana, mas acho que não atualiza de propósito, para que a plaquinha do Timão brilhe sozinha. Há também uma bola da final da Copa do Mundo no Brasil, entre Alemanha e Argentina. Uma das 15 oficiais, segundo o craque. Com orgulho, ainda me mostra uma camisa retrô autografada por Rivelino e Zico e uma camisa e a chuteira do lateral Marcelo, do Real Madrid, usada na final da Champions League 2017. Neto o considera o maior craque do Brasil neste momento.

Hora de ir para a Band. Normalmente é o irmão de Neto, Jones, que o leva para o trabalho. Mas naquele dia, para não ter que enfrentar burocracias na entrada da emissora, Neto foi dirigindo meu carro. Contou que não gosta de dirigir no dia a dia, prefere carros antigos e seu MP Lafer original, muito bem guardado numa garagem especialmente alugada para o carro. Mostrou-me um caminho bem alternativo para chegar à Band, por dentro do bairro em que mora e trabalha, o Morumbi. Calmamente, contou como chegou ao trajeto sem paradas e por ruas estreitas e tranquilas, fugindo do trânsito pesado da região. Também no caminho, mostrou com orgulho a casa que deu para a mãe morar, de modo a ficar próxima dele. Neto demonstra apreço pelo convívio familiar e a família aparenta ser o núcleo central de sua vida.

Então chegamos à Band, onde Neto comanda o *Donos da Bola*, um programa de debate aberto sobre o futebol, com participações do ex-goleiro Velloso, do Palmeiras, escolhido para equilibrar o corintianismo evidente do próprio Neto e do ex-goleiro do Timão, Ronaldo. Há sempre convidados e outros jornalistas da casa participando. Naquele dia, o convidado especial era o ex-jogador Vampeta. O programa é transmitido para a praça paulista, mas, por meio das antenas parabólicas, acaba sendo visto em muitos outros lugares do Brasil. A pauta é quase toda focada no futebol paulista – nem podia ser diferente, dada sua abrangência. Foi lá que conheci um outro Neto: o homem da comunicação.

Neto não é apenas o apresentador. O futebol está no sangue, e isso facilita. São 15 anos de TV, o que lhe deu jogo de cintura e experiência para enfrentar as câmeras. Ele conta que é grato ao

NETO ENFRENTA DUAS HORAS DIÁRIAS DE PROGRAMA AO VIVO, COM MUITO DEBATE, SARROS, OPINIÕES POLÊMICAS E CORINTHIANS

O livro raro do Corinthians: só pode mexer com luvas

apresentador José Luís Datena e ao VP Executivo da Band, Marcelo Meira, pelas oportunidades na televisão, por se tornar um apresentador. Neto está inteirado dos temas do dia e não demonstra ansiedade com a entrada ao vivo. Bate com o diretor do programa a pauta e a sequência de entrada dos temas e falam de futebol. Mas o craque Neto também se preocupa com o conteúdo. Cobra o diretor pela melhor imagem, pelo melhor depoimento, para que o link conectando o estúdio a um jogador do Corinthians (sempre Corinthians) seja bem feito.

Meia hora antes do início do programa, Neto vai se trocar e se maquiar. No trajeto até o camarim, fala um pouco dos últimos 15 anos, do longo tempo de televisão. Aponta para o futuro, diz que gostaria de aproveitar mais a vida, de desfrutar mais o que construiu, de morar fora, de estudar, de ler mais – ele é um bom leitor de livros. Conta com orgulho que sua filha vai estudar nos Estados Unidos e como considera essa uma experiência importante para o futuro da menina. No camarim, a troca de roupa é rápida. Ele é dócil e amável com sua camareira, que o chama de amor. Foi lá que fotografei as tatuagens do jogador, que eu nem sabia que ele tinha. Estão lá em cada um de seus braços desenhos dos rostos dos filhos mais velhos, Luisa e Gustavo, ainda pequenos, além de outro dos dois, já um pouco maiores e juntos, nas suas costas ao lado de uma imagem de Jesus Cristo. Neto já avisa: "Tem mais uma tatuagem vindo aí, a do pequeno Júlio".

A CASA DE NETO É DECORADA COM ITENS QUE DEMONSTRAM SEU AMOR PELO CORINTHIANS. TEM ATÉ UMA RÉPLICA DA TAÇA LIBERTADORES

O segundo momento antes de entrar ao vivo é a maquiagem. Uma boa base na pele, penteado com certo volume para realçar as madeixas, já não tão fartas, um retoque nas sobrancelhas, nada muito complicado, tudo feito com rapidez enquanto ele confraterniza com colegas que também se preparam para suas atividades nas emissoras da Band. Numa das conversas que pipocam na maquiagem, surge ajuda aos moradores de rua no frio e o craque dá uma dica: "Ontem comprei num site 100 cobertores para moradores de rua, numa ONG. É bem fácil de acessar e ajuda muita gente". Em seguida, um colega, que pediu anonimato, me conta que Neto tem o coração mole, que não aguenta ver sofrimento, que ajuda muita gente, muito mais que a maioria das pessoas famosas, e não deixa divulgar. (Desculpe, Neto, mas eu tinha que contar.)

Show time! Neto está ao vivo e vê-se o brilho nos olhos dele, o mesmo que eu via naquele craque dos gramados. Um tipo de agressividade, mas que desta vez é positiva. Neto não é um personagem. Ele é visceral. Fala de improviso, faz as aberturas de matéria e as chama-

A sala ampla e confortável de sua casa com a imagem de São Jorge no sofá. O pequeno Zeus é carinhoso com Neto. A camisa assinada pelos ídolos Rivelino e Zico. A bola da final da Copa e a réplica da Taça Libertadores conquistada pelo Timão: ícones de um torcedor conrintiano

Cenas cotidianas: o melhor caminho para chegar à Band. Papo na redação com a equipe. Maquiagem rápida e cuidados com as madeixas. Ligação para uma fonte momentos antes de entrar ao vivo e a preparação para o bloco seguinte no intervalo do programa

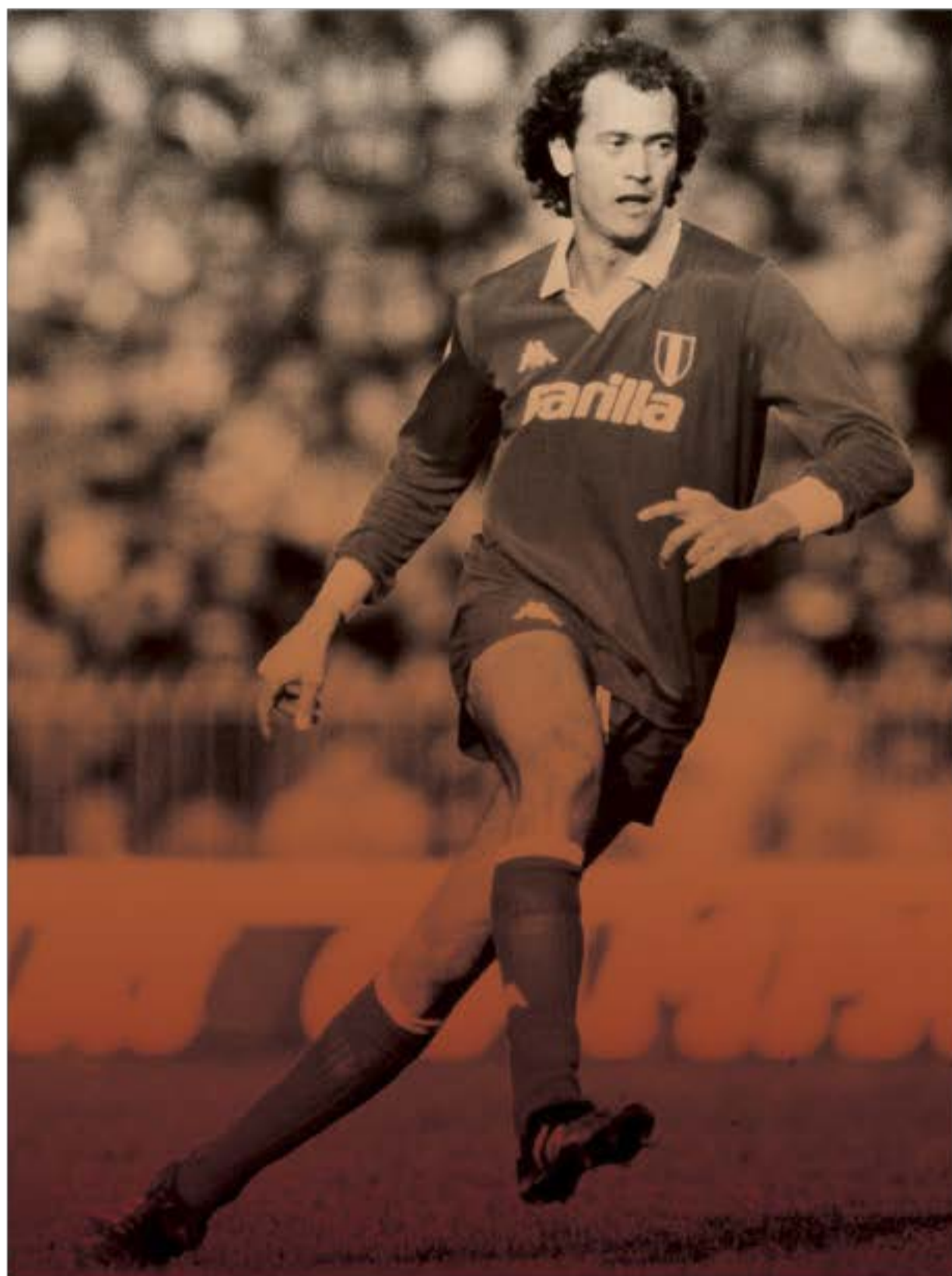
Neto fala de improviso e dispensa teleprompter

das de VTs de cabeça, dispensa o teleprompter (aparelho que passa o texto a ser lido pelos apresentadores). Impressiona como comanda um programa sem um volume gigante de conteúdo por duas horas, quase sem intervalos. O programa tem muita brincadeira, sacanagem entre os convidados, gozação, bate-boca, polêmicas sobre temas que nem valem polêmicas, mas rolam como se fossem grandes temas na humanidade. Eis o valor de Neto. Ele leva a sério tudo aquilo, com a garra com que jogava, a veia saltada na têmpora e na garganta. Não é tipo. Muitas vezes, suas opiniões saem sem pensar, mas ele não medra, pede desculpa quando percebe que passou dos limites. No intervalo, depois de tanta adrenalina, todos relaxam. Neto toma um chá, uma água, até um café. Com o ponto no ouvido, por onde o diretor do programa se comunica, Neto vai opinando sobre as reportagens, sobre o que já haviam passado e sobre futuras pautas. Se não soubesse que ele é um ex-jogador, teria pensado que ele nasceu pra isso.

Neto hoje é muito mais "pop" do que quando jogava. Só no Twitter tem mais de 3,5 milhões de seguidores. Hoje, além dos antigos admiradores de suas jogadas, agregou novos fãs e *haters* por causa de suas opiniões polêmicas e seu jeitão sincero. O humor involuntário lhe rendeu a criação de um show de stand up, onde conta histórias de sua vida e do futebol, e sempre tem plateia lotada. A imagem revigorada, com a experiência e a credibilidade que conquistou, rende cerca de 40 ações mensais de merchandising e um substancial aumento em seus ganhos. Eu vi o ex-jogador debatendo com a área comercial o melhor jeito de fazer uma determinada ação – ele não considerava a mensagem clara para seu telespectador. Depois de muita conversa, prevaleceu sua ideia, o que me surpreendeu pela sua clareza do que é comunicação. O programa do dia chegava ao fim, e me deu a impressão de que Neto era um cara genial na TV. Talvez seu passado polêmico como jogador e sua paixão corintiana turvem suas reais qualidades. Mas é preciso olhar além da névoa. Na minha frente havia um homem que enfrentara duas horas de televisão ao vivo, o que significa ao menos mais seis horas de preparação, de assistir futebol, de leitura, de informação, de ligações para fontes. Na minha frente estava alguém sem medo, quase sem filtros, autêntico. Goste ou odeie, é inegável admitir que o craque Neto se reinventou. Por duas horas, esqueci que o fotografei jogando e descobri o verdadeiro craque Neto, o genial cara da TV.

por Paulo Roberto Falcão

EM TODO LUGAR AONDE VOU, NAS ÚLTIMAS QUATRO DÉCADAS, ALGUÉM ME CHAMA DE REI DE ROMA. CREIO QUE AS PESSOAS USAM O APELIDO HONORÍFICO PARA ME AGRADAR, PARA HOMENAGEAR UM MOMENTO ESPECIAL DA MINHA CARREIRA FUTEBOLÍSTICA. RECEBO A REFERÊNCIA COM SERENIDADE, MAS NÃO COM VAIDADE, POIS TENHO PLENA CONSCIÊNCIA DA MINHA CONDIÇÃO DE CIDADÃO, DESPORTISTA E SER HUMANO. NÃO SOU E NUNCA FUI UM REI DE VERDADE, MAS FUI ÍDOLO DE UMA TORCIDA ESTRANGEIRA QUE AINDA MANIFESTA ESTIMA POR MIM – E CONSIDERO ISSO MUITO MAIS RELEVANTE DO QUE QUALQUER TÍTULO DE NOBREZA. **POR ISSO, ACEITEI O DESAFIO DE PLACAR PARA CONTAR COMO ME TORNEI "REI DE ROMA".**

© ARQUIVO PLACAR

QUE REI SOU EU?

Em cinco dias, minha vida passou por uma revolução. Estávamos em 1980, eu tinha 27 anos, era tricampeão brasileiro pelo Internacional e estava projetando meu futuro para depois do futebol. Naquela semana da reviravolta, eu havia feito uma prova de Química em Guaíba, cidade vizinha a Porto Alegre, para completar o supletivo de Segundo Grau. Foi num domingo. Nos dias seguintes, segunda, terça e quarta, fiz vestibular para o curso de Direito na Faculdade Ritter dos Reis, em Canoas, também na vizinhança da capital. Tentava, assim, recuperar o tempo dedicado a viagens, concentrações, convocação para a seleção olímpica, jogos seguidos, que me fizeram interromper os estudos depois de concluir o primeiro ano do Científico, que era um dos cursos intermediários para se chegar ao ensino superior.

Na quarta-feira mesmo, depois de ter feito a última prova, fomos jogar um amistoso na cidade de Lajeado, distante 113 quilômetros. Chegamos de volta na madrugada. Para minha surpresa, minha mãe estava acordada me esperando.

– O que houve, dona Azize? – perguntei.

Ela me respondeu que o advogado Cristóvão Colombo, meu amigo e procurador desde os tempos de base do Internacional, queria falar comigo com urgência e pedira para lhe telefonar tão logo chegasse em casa. Naquele tempo, vale lembrar, não havia celular nem outra maneira de comunicação que não fosse o telefone fixo. Fiz a ligação e Colombo nem me deu boa-noite.

– Quer ir para Roma? – perguntou.

Explicou-me em seguida que a Roma queria me contratar e que dois representantes do clube estavam viajando de São Paulo para Porto Alegre, a fim de fechar o negócio no outro dia. Foi um choque. O futebol italiano, naquela época, era o sonho de consumo de qualquer jogador brasileiro. Mas a Roma nunca passara pela minha cabeça. O Milan, sim, já havia me sondado, por meio de um telefonema de Gianni Rivera, que era diretor do clube depois de ter sido ídolo e um dos maiores jogadores italianos de todos os tempos. Mas ele me advertiu que a contratação dependeria de um julgamento do tribunal esportivo que poderia fazer o Milan cair para a série B. Foi o que efetivamente aconteceu, e os clubes da série B estavam impedidos de contratar estrangeiros.

“EU QUERIA IR PARA A ITÁLIA, QUE ERA A MECA DO FUTEBOL MUNDIAL”

Falcão construiu uma imagem positiva do futebol brasileiro na Itália

©PIERO GAMELLI/DPA

Veio a Roma.

No dia seguinte, pela manhã, já estávamos reunidos na sala de José Asmuz, presidente do Internacional: eu, o próprio Asmuz, Cristóvão Colombo, o diretor de futebol Pércio França e os dois representantes da Roma, o italiano Giuseppe Marchegiani e o brasileiro Aldo Raia. Era uma quantia irrecusável para o Inter naquela época: 2 milhões e 300 mil dólares. Mas o negócio esbarrou numa discussão entre Colombo e Asmuz, por causa dos 15% que eu deveria receber do Inter. Os dois brigaram tanto que pedimos que saíssem da sala. Então, perguntei ao diretor Pércio França quanto o Inter poderia me pagar. Ele respondeu que apenas 4%. Topei e fechamos o negócio.

Naquele momento, eu queria ir para a Itália, que era a meca do futebol mundial. Na véspera, tinha consultado a única pessoa que poderia me fazer mudar de ideia: minha mãe. Meu pai já não estava mais conosco, tinha se separado dela. Dona Azize me devolveu a bola:

– Tu é que sabe, meu filho!

Recebi aquela resposta como uma autorização. Foi bem difícil minha decisão. Eu era muito ligado a Porto Alegre, tinha todos os meus amigos lá, me criei no Inter.

Ainda assim, decidi encarar o desafio. Mas, quando cheguei em casa naquela noite da negociação, sentei sozinho no sofá da sala do nosso apartamento da rua Anita Garibaldi (por coincidência, nome sugestivo da heroína farroupilha, catarinense como eu, que se casou com o revolucionário italiano Giuseppe Garibaldi) e comecei a pensar:

– Será que fiz certo?

Ia para um país estranho, não falava a língua, não conhecia ninguém, seria uma verdadeira aventura. Mas respirei fundo e pensei: tenho que tentar novos rumos. Liguei o rádio e o plantão de esportes Antônio Augusto, da Rádio Guaíba, estava falando em mim:

– Falcão é "bixo"! – comentou, aludindo à minha aprovação no vestibular.

Eu queria mesmo estudar Direito. Cheguei a pensar que faria isso em Roma, mas a vida me levou para outro lado.

Meu consolo é que ainda tinha uns dias para me despedir e para jogar as últimas partidas do Inter pela Libertadores da América. Estávamos na final contra o Nacional de Montevidéu. Haveria um jogo em Porto Alegre, outro no Uruguai e talvez um terceiro em local a ser designado. Empatamos em 0 a 0 no Beira-Rio, em meu último jogo. Foi um ambiente de velório no vestiário, conselheiros e torcedores vieram me abraçar, os massagistas choravam. Mas havia ainda o jogo de Montevidéu. Como a crítica sobre o Inter era pesada pela minha venda, e para não deixar margem a fofocas, fui para uma guerra no segundo jogo. Coloquei o pé em todas as divididas. O jogo foi tão tenso que, no intervalo, Mário Sérgio e Jair só não saíram no soco porque eu me intrometi na discussão. Mário não se conformava com o fato de Jair ter tirado a cabeça em uma dividida. Eu cheguei ao exagero de dar uma bicicleta e acertar a testa de meu companheiro Adílson, que ficou com um corte no supercílio. Mas perdemos de 1 a 0, gol de cabeça de Victorino. O goleiro Rodolfo Rodríguez, que mais tarde jogaria no Santos, foi o melhor em campo, tal a pressão que o Inter fez.

Fui para a Itália mais desafiado ainda a conquistar algum título internacional.

Antes, consultei alguns italianos que conhecia em Porto Alegre para saber como era a vida em Roma. Meu alfaiate, Di Leoni, me deu algumas dicas importantes sobre a cidade. Eu havia visitado Roma rapidamente apenas uma vez, numa excursão que o Inter fizera pelo interior da Itália. No aeroporto de Fiumiccino, conheci a lasanha verde, um prato maravilhoso. Antes, nem sabia que existia massa verde. Minha mãe é descendente de genoveses, mas só falava uma ou duas palavras no dialeto do interior do Rio Grande do Sul. Nunca me preocupara com a língua.

No voo para Roma, Marchegiani me ensinou algumas palavras-chave, como "buon giorno", "tifosi" e "scudetto", para uso na chegada. Pensei que encontraria meia dúzia de jorna-

listas e alguns dirigentes. Porém, quando o avião da Alitalia taxiou na pista, vislumbrei uma multidão. Mal botei a cabeça para fora da porta e um torcedor já me enfiou no pescoço uma manta *giallorossa* (as cores do clube). Em seguida, me deram flores. Foi uma festa enorme. Percebi que aqueles torcedores não aguardavam o Falcão, que era quase um desconhecido para eles, mas sim uma esperança para a Roma.

Cheguei vestindo terno e gravata feitos pelo Di Leoni com essa responsabilidade e também com a missão de abrir um mercado fechado havia 12 anos para estrangeiros. Naquele ano, outros três brasileiros também foram contratados: Enéas, ex-Portuguesa, pelo Bolonha; Juari, ex-Santos, pelo Avelino; e Luiz Sílvio, ex-Palmeiras e Ponte, pela Pistoiese.

O filho do presidente Dino Viola, Ettore Viola, me levou para almoçar no restaurante Il Bagatto, próximo ao Estádio Olímpico. E já se ofereceu para procurar uma casa para mim. Colocaram um intérprete à minha disposição e no dia seguinte, no hotel Villa Pamphili, dei a primeira entrevista coletiva. Os jornalistas italianos perguntaram o que eu pretendia fazer na Roma. Respondi que queria conquistar o *scudetto*. Notei alguns risos. Depois, numa conversa só com os correspondentes brasileiros, o Araújo Neto, que trabalhava para o *Jornal do Brasil* e que se tornou meu amigo, comentou:

– Foste bem na entrevista, menos na hora em que prometeste o título. A Roma não tem essa bola.

Apostei um churrasco com ele que em três anos botaria o peito numa faixa de campeão. Ele pagou com muito prazer. Grande figura.

No dia seguinte, fui encontrar o grupo de jogadores em Parma, onde a Roma fazia pré-temporada. Levei três ponchos gaúchos para dar de presente. Foi um para o presidente Viola, um para o técnico Nils Liedholm e o outro sorteamos entre os jogadores. Ganhou o goleiro Franco Tancredi. Quando Liedholm me apresentou, um dos jogadores comentou, irônico:

– Agora temos em quem jogar a culpa pelas derrotas.

O intérprete me traduziu e eu não deixei barato:

– Agora entendo por que a Roma não ganha títulos há tanto tempo. É por causa de pensamentos como esse! – pedi a ele que traduzisse.

Não podia me encolher. Vinha de um país tricampeão do mundo, eu mesmo era tricampeão brasileiro, jogava na seleção. Não cheguei com o nariz empinado, mas também não cheguei olhando para baixo. Acho que ficou a mensagem: “Estou aqui para ajudar, mas não tentem me prejudicar”.

O primeiro jogador a se aproximar de mim foi o zagueiro Luciano Spinosi, que também jogou na Juventus e na seleção italiana. Ele me ajudou a escolher chuteiras adequadas para os campos locais. No dia seguinte, assisti a um amistoso da fase de preparação, ao lado de Ettore Viola. Foi um horror. A Roma jogou tão mal que o filho do presidente se sentiu na obrigação de se desculpar comigo, alegando que era início de temporada, que os jogadores estavam despreparados. Eu disse que entendia, que no Brasil também era assim. Acho que ele ficou com medo que eu desistisse.

Quando fui para o primeiro trabalho com bola, o estádio estava cheio. Eu vinha de sete meses de treinos e jogos. Estava em boa forma. Cheguei mesmo a fazer um gol de bicicleta. Em seguida o Bruno Conti, que era muito habilidoso, fez um gol quase igual e me olhou como se dissesse: “Nós também sabemos fazer isso”.

Em pouco tempo, porém, os jogadores italianos me aceitaram no grupo e me tornei amigo de todos.

Estreei no amistoso contra o Inter, cuja renda valia como parte do pagamento do meu passe. Depois fui para a verdadeira guerra de marcação e ocupação de espaços que era o campeonato italiano. Já no primeiro ano, perdemos o título por pouco para a Juve, fizemos bom campeonato e em seguida ganhamos a Copa Itália. As pessoas começaram a perceber que a Roma era outra equipe. Depois de algumas partidas, um torcedor ainda me questionou:

– Quando veremos *I numeri*? – Ele queria dizer jogo bonito, jogadas de efeito, a imagem que tinham dos brasileiros.

Respondi: – Você quer jogadas de efeito ou títulos?

Ele disse: – Como títulos a gente não vai ganhar, mesmo, quero me divertir no domingo.

No meu terceiro ano no futebol italiano, depois da Copa do Mundo que perdemos para a Itália, os romanistas festejaram o primeiro *scudetto* depois de 42 anos. Foi a minha revanche daquela derrota do Sarriá. Ganhamos o título vencendo a Juve, que tinha metade da seleção italiana. Quando voltamos da Copa, o Pruzzo, nosso centroavante, brincava comigo na hora dos alongamentos. Comentava as substituições no meio do jogo entre Brasil e Itália: o Altobelli se preparando para entrar, mal levantando a perna, e o Paulo Isidoro, com o preparador físico Gilberto Tim, colocando o pé acima da cabeça.

– Quem ganhou? – ele me perguntava, rindo.

Mas a Roma ganhou seu título com esforço, organização, ousadia tática e também levantando o pé bem alto quando necessário. Acho que contribuí para essa mentalidade competitiva. Liedholm introduziu a marcação por zona. Antes, todos marcavam homem a homem. O time teve certa dificuldade para assimilar, mas acabou se impondo. Aí, sim, virei Rei de Roma e outros apelidos que a imprensa italiana inventava, mas sem firulas, com toques de primeira, chamando o jogo para mim, indo à frente quando julgava oportuno e assumindo a responsabilidade nos momentos difíceis. Mas ninguém é rei sozinho. Fomos campeões porque tínhamos uma equipe unida e determinada, e uma torcida fantástica. Nunca vou esquecer a faixa que os torcedores mais fanáticos ostentavam na Curva Sul do estádio: “A Roma não se discute, se ama”.

Vivi, realmente, um momento maravilhoso da minha vida naquela conquista. Só lamento não ter conseguido levar o meu pai para Roma, para ele ver de perto aquela fase da minha carreira. Tentei. Quando ele me acompanhava no Inter,

“NA CHEGADA À ROMA, BOTEI A CABEÇA PARA FORA E UM TORCEDOR JÁ ME ENFIOU NO PESCOÇO UMA MANTA GIALLOROSSA”

©PIERGIAVELLI /BPA

Falcão na chegada à Roma com a echarpe do time e a cena que se repete décadas depois: ídolo eterno

também pedia – como o torcedor italiano – que eu driblasse, desse chapéu, fizesse jogadas de efeito. Era exigente e raramente me elogiava. O máximo que fazia era perguntar, ao final do jogo, se eu não havia me machucado. Comecei a entender aquilo como elogio, pois esse era o seu modo de agir.

Quando saiu de casa sem dar nenhuma satisfação a ninguém, ficamos todos muito magoados. Ele morou um tempo com outra família, longe de nós. Por isso fui para Roma sem sequer perguntar nada a ele. Anos depois, tive um encontro e uma discussão áspera com ele na transportadora em que meu irmão trabalhava (e que, por coincidência, chamava-se Roma). Ele disse que não tinha que me dar satisfações. Respondi com dureza, e eu mesmo me espantei com o tom da minha fala, pois eu e meus irmãos jamais ousamos enfrentá-lo. Disse-lhe que para mim ele não devia explicações, mas para minha mãe sim. Ele se calou.

Mesmo depois de ter abandonado a família, toda vez que ficava doente ele voltava para Porto Alegre e minha mãe e minha irmã cuidavam dele. Também acabei aceitando a situação e cheguei mesmo a convidá-lo para morar em Roma conosco, depois de consultar minha mãe. Mas não chegamos a concretizar esse projeto.

Quando ficou seriamente enfermo, eu já não jogava mais, mas estava em Milão trabalhando para a televisão. Voltei e fiquei 17 dias ao seu lado na UTI. Seu Bento tinha os seus defeitos, mas trabalhou muito, lutou para criar os filhos, viajou pelo Brasil inteiro dirigindo caminhão para não deixar faltar nada em casa. Senti bastante sua perda. E igualmente a morte de minha mãe, sete anos depois.

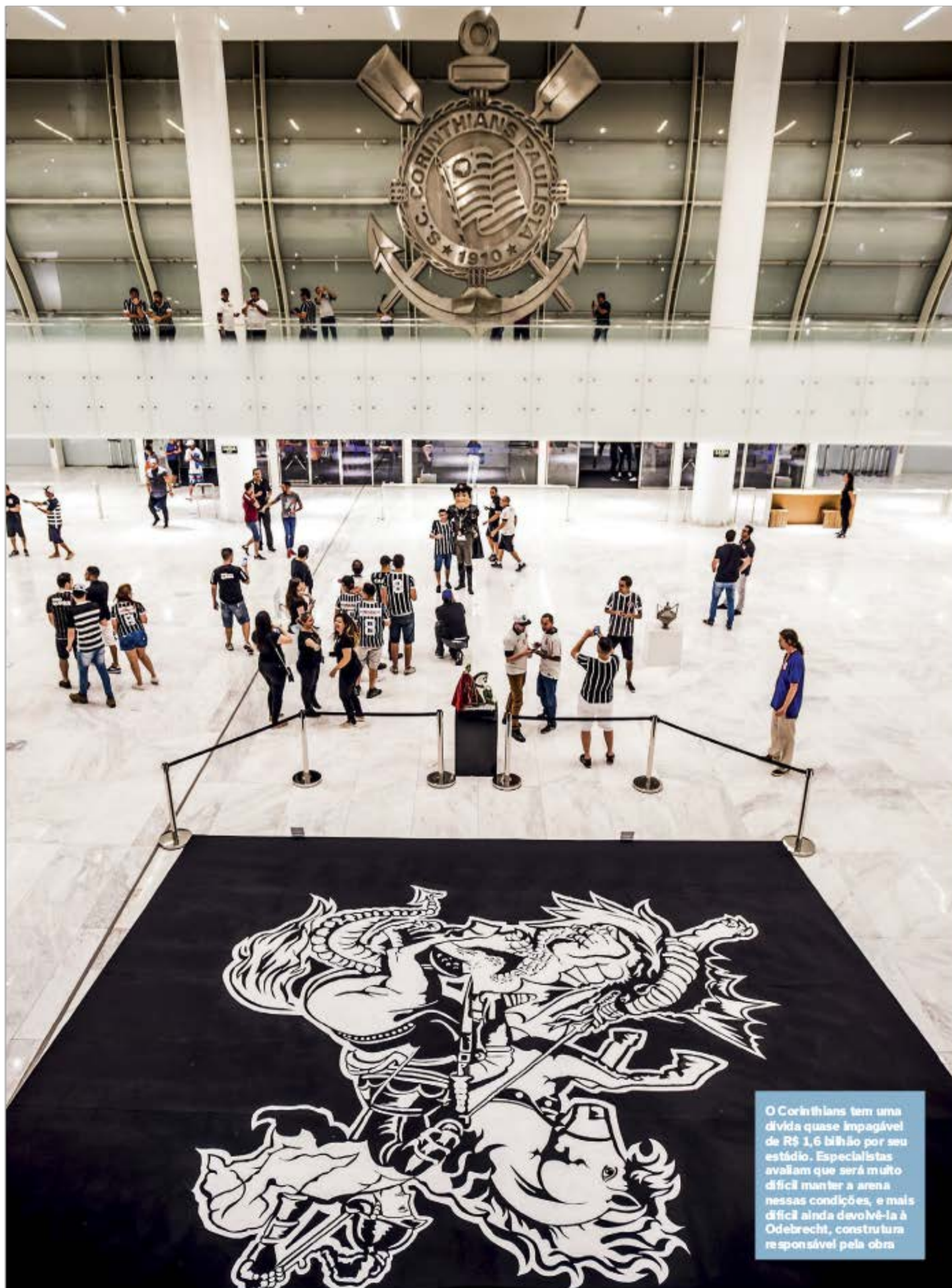
Pensando bem, fui rei, sim, nos momentos mais felizes da minha infância. Quando tinha meus pais comigo.

VAI QUEBRAR OU NÃO?

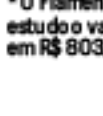
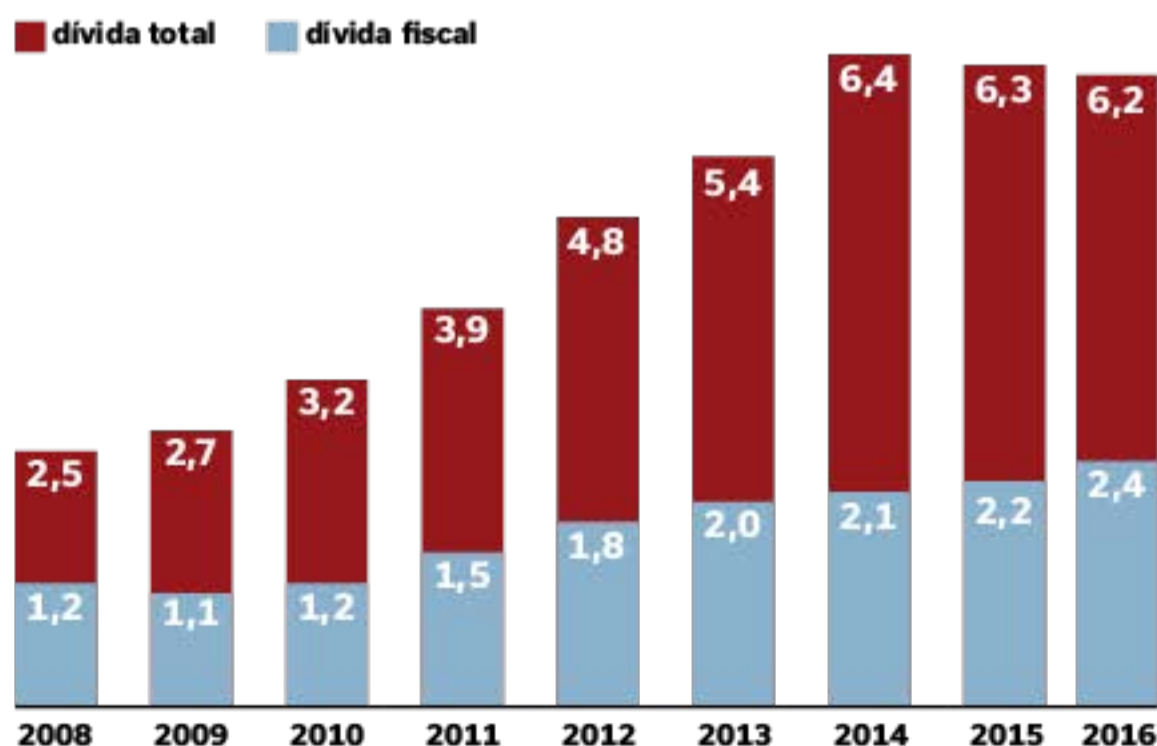
Com dívidas que superam a casa dos 6 bilhões de reais, clubes brasileiros ainda vão demorar para sair do atoleiro em que se enfiaram, apesar do crescimento recorde das receitas

por Rodolfo Rodrigues

Nos últimos anos, os clubes brasileiros se viram obrigados a divulgar seu balanço financeiro – e desde então foi possível enxergar a real situação dos principais times do país. Com a criação da Timemania, loteria criada pelo governo federal em 2008, com a intenção de regularizar as dívidas dos clubes de futebol com a União, e o Profut (Programa de Modernização da Gestão e de Responsabilidade Fiscal do Futebol Brasileiro), também criado pelo governo, mas em 2015, para refinanciar as dívidas em um prazo de 20 anos, o balanço contábil dos clubes passou a ser mais rigoroso. Ainda assim, com os dois programas e com o aumento das receitas, as dívidas seguem altas e, em alguns casos, crescendo. Segundo Amir Somoggi, consultor de marketing e gestão esportiva e especialista no balanço financeiro dos clubes de futebol, o grande problema dos nossos times segue no modelo de gestão e na impunidade. “Se fossem administrados como empresas, isso não aconteceria. Além disso, não existe o fair play financeiro aqui. Na teoria, existe a regra que prevê punição aos clubes que atrasarem salários, por exemplo. Mas, na prática, isso não funciona. Muitos clubes ainda têm o pensamento antigo ‘não vou pagar porque depois o governo vai me ajudar’”, diz Amir. De fato, com o Profut, os clubes poderiam reduzir em até 70% suas multas e 40% dos seus juros das dívidas com a União. Porém, ainda assim, muitos seguem sem cumprir o que foi determinado pelo programa e, após dois anos de Profut, as dívidas fiscais cresceram. De acordo com o Profut, os clubes que aderiram ao programa têm até 2018 para começarem a pagar as parcelas das dívidas. Do contrário, não conseguirão a certidão (CND), correndo assim o risco de rebaixamento, caso a lei seja realmente cumprida.

Outro agravante é que o endividamento dos clubes vai além da questão fiscal. Os empréstimos pesados, os altos custos com ações trabalhistas, débitos com jogadores e outras dívidas contribuem para que os clubes não saiam do buraco. Sem contar ainda aqueles que têm dívidas com a construção de estádio, como Corinthians e Grêmio, por exemplo.

O Corinthians tem uma dívida quase impagável de R$ 1,6 bilhão por seu estádio. Especialistas avaliam que será muito difícil manter a arena nessas condições, e mais difícil ainda devolvê-la à Odebrecht, construtura responsável pela obra

Equilibrado nas contas, o Flamengo tende a investir no futebol e a montar elencos com grandes jogadores

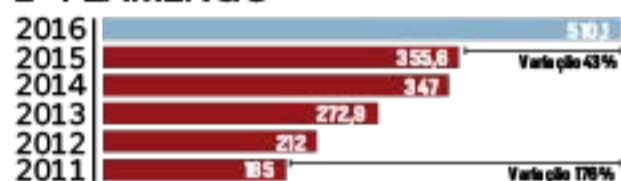
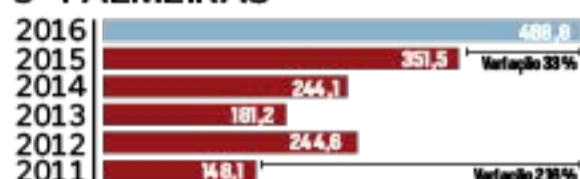
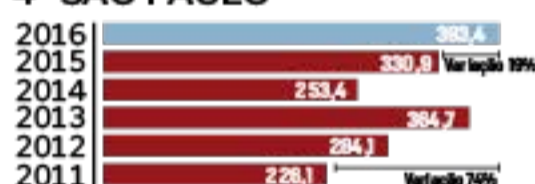
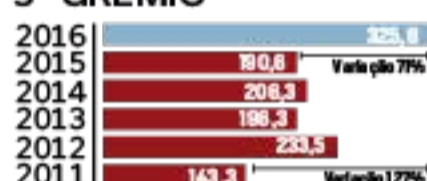
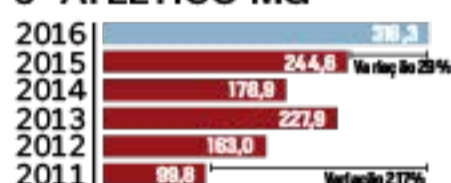
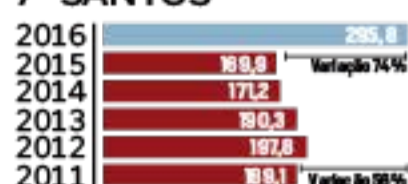
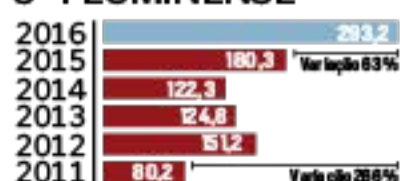
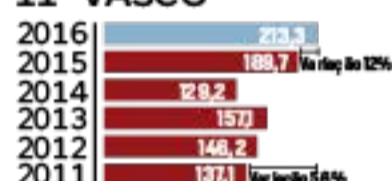
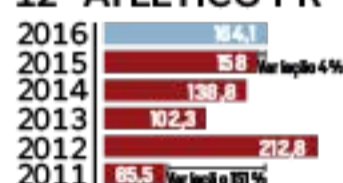
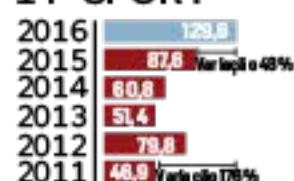
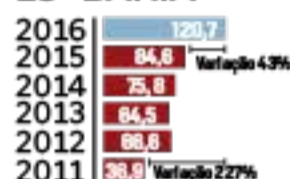
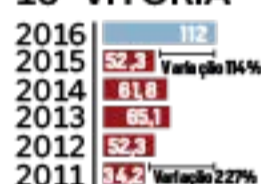
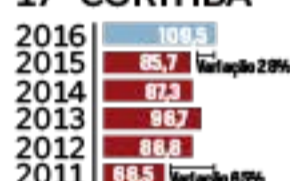
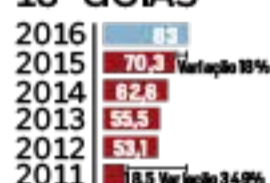
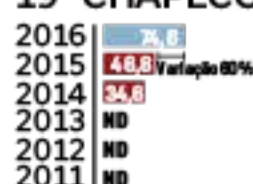
A evolução da dívida total e da dívida fiscal

(Dos 20 maiores clubes, em R$ bilhões)

Clube de maior receita em 2016 e de maior superávit nos últimos dois anos, o Flamengo conseguiu praticamente diminuir pela metade sua enorme dívida, que em 2012 era de R$ 803,7 milhões e em 2016 foi para R$ 460,6 milhões. Dessa forma, em alguns anos, poderia zerar a dívida e passar a investir mais em seu patrimônio e também no departamento de futebol, contratando mais jogadores e de qualidade melhor, e pagando bom salário. A falta de títulos importantes, como o Brasileirão ou a Libertadores, vem sendo uma pedra no sapato da boa gestão do presidente Eduardo Bandeira de Mello. Mas, caso o clube siga nessa toada, em breve estará com um elenco muito mais forte que o dos concorrentes.

Dívida total e fiscal dos clubes

dívida total / dívida fiscal

	2016	2015	2014	2013	2012	2011	variação 2015-16	variação 2011-16
	751,5 / 271	731,1 / 285,1	848,4 / 197,3	688,8 / 129,6	680,9 / 200,8	563,9 / 198,3	3% / 2%	33% / 37%
C A M	518,7 / 284,3	498,5 / 258	481,4 / 239,2	438,4 / 258,8	414,5 / 223,1	367,6 / 187,5	4% / 10%	41% / 52%
	501,8 / 182,1	461,8 / 163	439,6 / 185,6	422,7 / 165,1	444,8 / 185,5	404,9 / 158,3	9% / 12%	24% / 15%
*	460,6 / 282,4	578,3 / 265,1	697,9 / 354,8	757,4 / 377,1	803,7 / 400,2	355,5 / 257,5	-21% / 7%	30% / 10%
	456,8 / 154,8	467,6 / 173,8	508,5 / 247,5	571,8 / 218,1	430 / 108,8	422,8 / 85,2	-21% / -11%	8% / 82%
	425,9 / 202,2	452,7 / 184,8	371,7 / 147,2	193,7 / 188,2	177,1 / 54,4	178,5 / 57,5	-6% / 9%	139% / 251%
GRÊMIO	397,4 / 89,2	423,8 / 82,4	382,1 / 85,2	282 / 85,3	187,2 / 88,8	198,9 / 87,8	-6% / 8%	100% / 2%
	394,8 / 70,4	409,7 / 67,7	332,7 / 63,4	311,8 / 46,4	324,5 / 49	240,5 / 48,1	-4% / 4%	64% / 43%
SPFC	385,3 / 88,3	359,4 / 82,4	341 / 59	250,7 / 60,5	273,4 / 62,8	158,5 / 60,6	7% / 8%	143% / 47%
	363,1 / 174	290 / 156,8	252,9 / 63,8	199,9 / 50,4	143 / 38,8	120,3 / 45	25% / 11%	202% / 287%
	356,6 / 146,9	409,9 / 128,4	373,2 / 100,9	298,7 / 96,2	276,1 / 96,4	207,7 / 94,2	-13% / 14%	72% / 56%
	311,8 / 91,2	282,4 / 84,8	340,6 / 125,9	228,3 / 124,4	215,4 / 124,2	197,4 / 122,7	10% / 8%	58% / -26%
	284,5 / 11,1	248,3 / 11,7	233,4 / 1	118,3 / 3,3	- / 3,4	4,1 / -	7% / -5%	6284% / -
CFC	241,2 / 95,3	227,8 / 87,1	214,3 / 86,8	188,4 / 58,5	151 / 55,8	111 / 48,8	6% / 9%	117% / 95%
	166,4 / 105	162,8 / 92,2	216 / 120,9	167,8 / 85,6	61,2 / ND	58,4 / ND	2% / 14%	185% / -
	108,6 / 62,6	83,9 / 51,1	55,6 / 26,4	49,4 / 43,6	12,3 / 11,5	35,6 / 11,6	31% / 22%	208% / 440%
	63,7 / 24,4	65,3 / 21,8	65,3 / 16,1	56,8 / 13,9	37,3 / 10,5	27 / ND	-3% / 12%	135% / -
	42,4 / 24,1	56,2 / 23,4	80,1 / 27,3	98,3 / 13,3	80,4 / 11,6	79,8 / 11,5	-25% / 3%	-47% / 109%
	40 / 25	54,8 / 18,2	28 / 9,4	23,2 / 14,8	15,6 / 15,4	10,4 / 15,9	-27% / 38%	283% / 57%
	0 / 1	2,2 / 1,3	1,3 / 1,2	1,3 / 1,2	ND / ND	ND / ND	-100% / -24%	- / -

*O Flamengo afirma ter dívida de R$ 390 milhões, mas segundo a metodologia empregada no estudo o valor é de R$ 460,6 milhões. Isso não interfere na análise, já que a dívida em 2012 estava em R$ 803,7 milhões. Em termos percentuais, a redução é a mesma apresentada pelo clube

Receita total dos clubes (em R$ milhões)

Apesar do grande crescimento na receita dos clubes desde 2003, ano do primeiro levantamento (de R$ 805 milhões para R$ 5,4 bilhões em 2016), a dívida dos clubes subiu ainda mais, pulando de R$ 1 bilhão (2003) para R$ 6,2 bilhões (2016). "Uma coisa não está relacionada a outra. Em tese, a dívida não deveria crescer. Mas há várias explicações. As principais delas são o aumento dos custos do departamento de futebol e a dívida fiscal. Os clubes aumentam a despesa, gastando, muitas vezes, mais do que ganham. Contratam sem planejamento, pagam multas altíssimas de rescisões, dívidas trabalhistas, pagam juros altos de empréstimos (Corinthians e Palmeiras gastaram na casa do R$ 60 milhões com despesas financeiras em bancos), sonegam impostos. Tudo isso está relacionado à má gestão. Enquanto não reduzirem os gastos, não há saída", explica Amir Somoggi.

Participação das fontes de receita em 2016

Brasileirão x Ligas de futebol no mundo

PARA ESTA COMPARAÇÃO FORAM DESCONSIDERADOS OS VALORES GERADOS COM TRANSFERÊNCIA DE ATLETAS por Amir Somoggi

O Campeonato Brasileiro é hoje a sexta liga com o maior faturamento dos clubes, sem contar a transferência de atletas (que não é contabilizada nos balanços anuais dos campeonatos nacionais da Europa). Clubes de fora do Brasil, menos endividados e com maior controle de suas despesas, muitos pequenos, acabam ainda levando vantagem sobre os brasileiros na hora de comprar os jogadores ou oferecer salários melhores.
O São Paulo, por exemplo, vendeu recentemente os atacantes David Neres, para o Ajax-HOL, e Luiz Araújo, para o Lille-FRA. Em condições normais, o São Paulo teria como segurar esses atletas, pagar salários que são oferecidos lá fora e ainda contratar mais jogadores. Mas, como a conta não fecha, com o alto custo do departamento de futebol e suas dívidas, a tendência é ainda vermos jovens saindo cedo do país e nossos clubes sem força para montar elencos competitivos. Com elencos fortes, os times poderiam brigar por títulos, ganhar mais receita de patrocínio, televisão, marketing e bilheteria, além de premiação maior.
Foi com essa receita que Premier League surgiu na Inglaterra, em 1992, cresceu e se tornou a liga mais rica do mundo.

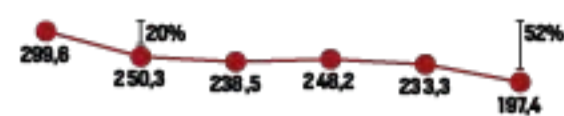
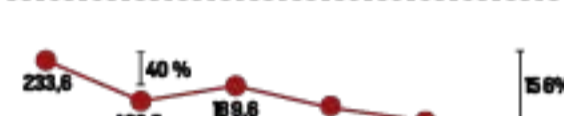
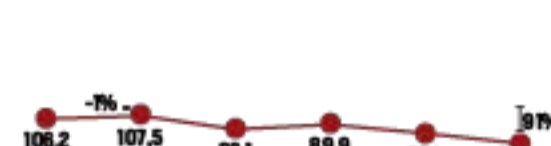
RECEITAS EM R$ BILHÕES	
Inglaterra	15,6
Alemanha	8,9
Espanha	8,6
Itália	6,4
França	5
Brasil	4,1
Rússia	2,8
Inglaterra (2ª div.)	2,2
Estados Unidos	1,9
Japão	1,9
Turquia	1,8
Alemanha (2ª div.)	1,8
Holanda	1,6
Argentina	1,2
China	1,2
Bélgica	1,1
Portugal	1,1

O Allianz Parque foi grande fonte de receita para o Palmeiras

O crescimento da receita dos clubes em 2016 esteve relacionado à antecipação dos direitos de transmissão de TV (caso do Corinthians, que recebeu R$ 80 milhões da Globo). Em 2017, muitos não terão esse valor e a tendência é que não consigam repetir ou superar as receitas de 2016.

O Palmeiras foi o clube que mais faturou com bilheteria em 2016 (R$ 69 milhões), seguido pelo Inter (R$ 64 mi), Flamengo (R$ 39 mi), São Paulo (R$ 33 mi), Cruzeiro (R$ 31 mi) e Atlético-MG (R$ 29 mi). O Corinthians, que usa toda a sua receita de bilheteria para pagar a dívida do estádio, deixou de contabilizar essa fonte de renda nos dois últimos anos. Em 2016, o clube chegou a receber R$ 80 milhões de bilheteria, que seria a maior entre os clubes e poderia fazer com que o Corinthians fosse o time com a maior receita do país, com R$ 560 milhões, R$ 50 milhões a mais do que o Flamengo. Com uma dívida acima da casa de RS 1,6 bilhão com o novo estádio, dificilmente o Corinthians conseguirá sanar esse prejuízo nos próximos anos. "O Timão tem uma ótima receita de bilheteria, mas não pode usufruir desse recurso. Algum dia ele vai acabar devolvendo esse estádio. O problema é que a Obebrecht não vai querer de volta, até porque não terá o que fazer com ele. A tendência é que entrem em acordo, pois essa dívida atual é completamente absurda e sem condições de ser paga. O Corinthians ainda perdeu a chance de vender os *naming rights* do estádio na época da inauguração, o que poderia aliviar em R$ 300 ou 400 milhões essa dívida. O clube preferiu esperar valorizar, mas foi contra o que é feito no mundo todo, quando geralmente a venda do nome do estádio é feita ainda no momento da construção. O Palmeiras conseguiu ser um exemplo nesse sentido. Além disso, fica com a renda do estádio, onde é apenas locatário. Outro que vive um problema parecido com o do Corinthians é o Grêmio, que também tem toda sua arrecadação de bilheteria comprometida para o pagamento da dívida do estádio", conta o consultor Amir Somoggi.

O Palmeiras foi também o clube mais faturou com patrocínio em 2016, longe dos demais, com receita de R$ 90,7 milhões. Grande parte vinda da Crefisa, que, além de ser a principal patrocinadora do clube (camisa), ajuda com o pagamento dos salários de alguns jogadores e na contratação de outros. Para Amir Somoggi, o modelo não é o ideal. "Na NBA, por exemplo, isso não pode existir. É um doping financeiro. Lá, os donos são até muito mais ricos que a dona da Crefisa e poderiam injetar recursos muito acima dos valores atuais. Mas há restrição. Aqui não. Isso pode camuflar a real situação financeira do clube, que não pode ficar nas mãos de um milionário, que de uma hora para outra pode deixar de fazer aportes".

Custo do departamento de futebol

Superávits/Déficits do exercício

POS.	CLUBES	2016	2015	2014	2013	2012	2011	Acumulado 2011-16
1º	FLAMENGO	153,5	130,5	64,3	-19,5	-60,5	-12,4	255,8
2º	PALMEIRAS	89,6	10,6	-27,7	-22,6	31,9	-22,8	58,9
3º	SANTOS	54,2	-78,2	-59,0	-40,6	14,6	7,4	-101,6
4º	ATLÉTICO-PR	36,6	45,8	43,2	-6,5	122,8	-4,9	237,0
5º	GRÊMIO	35,3	-37,6	-31,6	-56,8	28,2	-21,0	-83,4
6º	CORINTHIANS	31,0	-97,1	-97,0	1,0	7,5	5,3	-149,2
7º	VITÓRIA	25,9	-7,6	0,1	0,5	0,2	0,2	19,3
8º	BAHIA	21,8	29,4	-13,7	-113,1	-3,1	-18,5	-97,1
9º	GOIÁS	15,8	25,5	15,1	-7,5	1,4	-18,3	32,0
10º	VASCO	11,9	119,8	-13,6	-10,4	-0,1	4,6	112,2
11º	FLUMINENSE	8,3	31,8	-7,1	-7,1	-3,7	-34,1	-8,1
12º	CHAPECOENSE	6,8	2,8	0,1	ND	ND	ND	9,7
13º	FIGUEIRENSE	2,6	1,0	-8,3	-8,3	-7,8	-6,8	-38,9
14º	ATLÉTICO-MG	2,1	-11,9	-53,2	-53,2	-33,2	-36,1	-154,8
15º	SÃO PAULO	0,8	-72,5	-100,1	-100,1	0,8	0,2	-147,2
16º	SPORT	-0,6	-26,5	-8,6	-8,6	23,5	0,3	-16,8
17º	BOTAFOGO	-9,2	108,8	-174,8	-174,8	-49,3	-166,6	-365,2
18º	CORITIBA	-11,0	-16,5	-42,9	-42,9	-9,0	-11,9	-98,0
19º	INTERNACIONAL	-11,1	27,6	-49,1	-49,1	11,0	-23,4	-45,9
20º	CRUZEIRO	-29,3	-25,8	-38,7	-38,7	-31,0	-13,1	-160,7

TITE, UM HOMEM DE PALAVRA

Placar teve uma longa conversa com o técnico Tite e, a um ano da Copa do Mundo na Rússia, desvenda o que se passa na cabeça do treinador

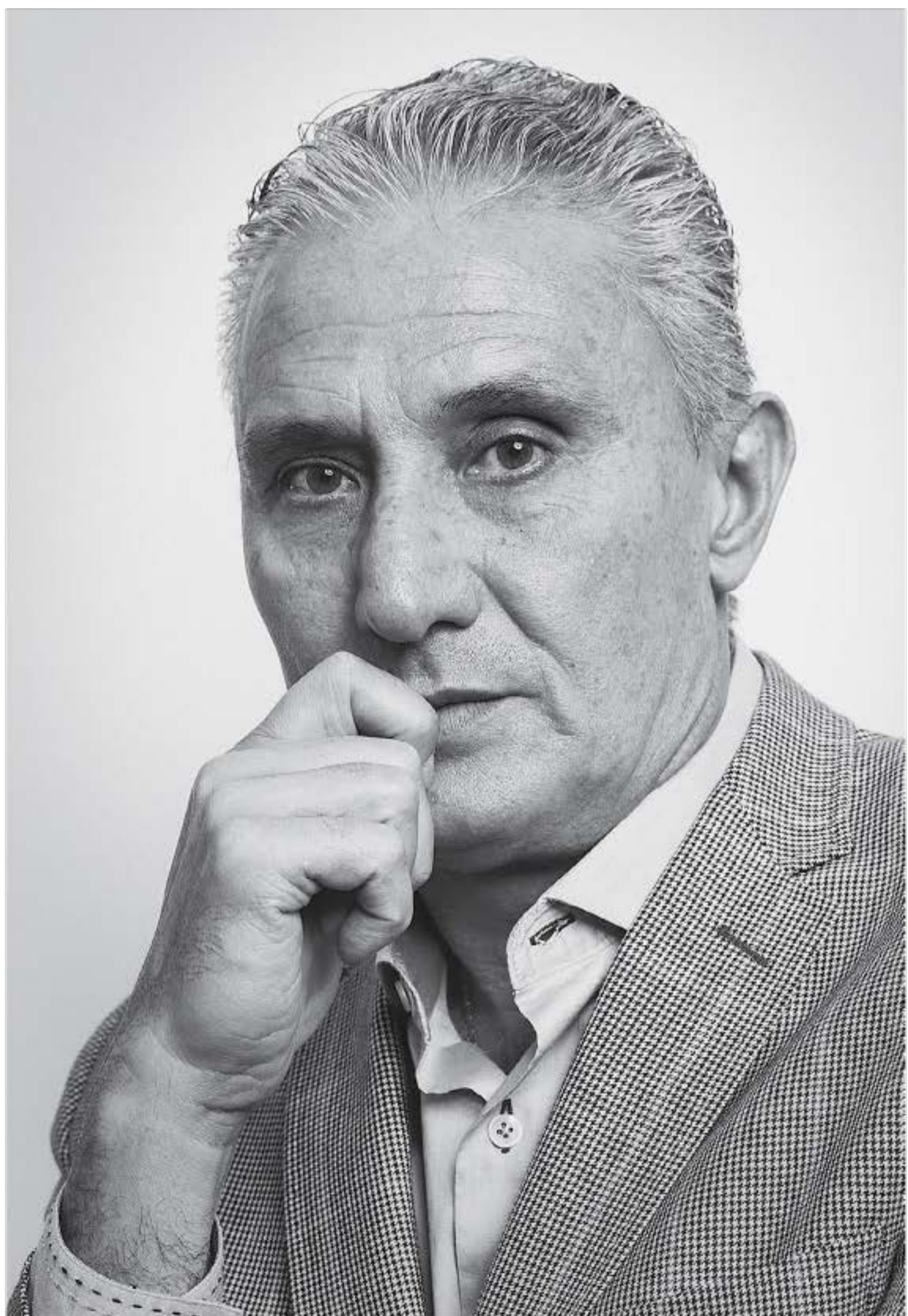
por Rodolfo Rodrigues e Sérgio Gwercman / fotos Daryan Dornelles

Na sala de Tite na sede da CBF, no Rio de Janeiro, há uma lousa com um campo de futebol desenhado, onde se lê a frase: "Fazer por merecer". No canto esquerdo, mais uma frase motivacional: "Saber ver, entender, julgar e orientar". O discurso serve para ajudar o próprio Adenor Leonardo Bachi a fazer o que ele sabe melhor: inspirar os atletas. Para liderar a seleção brasileira – seu grande sonho profissional finalmente realizado –, ele abusa desse talento.

Atrás dele, na mesma sala, mais de uma dezena de livros. A palavra é mesmo protagonista. Sua principal característica de liderança é a conversa. Adorado pelos jogadores e famoso por unir os times por onde passa, o papo franco é a base de seu método. O resultado ficou evidente em apenas nove partidas sob seu comando, quando fez uma seleção desacreditada desde 2014 ser classificada para a Copa da Rússia, encantando em campo. "A gente quer ver futebol bonito e efetivo", ele diz, satisfeito.

Mas é claro que nem só de frases é feito o trabalho, palavra que ele adora enfatizar.

Na tarde em que recebeu a reportagem de Placar, dia de seu 56º aniversário, ele assistia a um videoteipe da partida entre Paraná e Atlético-MG pela Copa do Brasil, um dos muitos jogos que vê todos os dias. Essa é só uma de suas funções no expediente que dá quase que diariamente na CBF (diferentemente dos técnicos anteriores, que não eram tão, digamos, assíduos). Com sorriso aberto, animado, disposto a contar histórias, o treinador fala bem, é eloquente. Mas é também bom ouvinte: presta atenção nas perguntas enquanto anota suas ideias em um bloquinho em silêncio, para não interromper o interlocutor. Foi também calado que recebeu do presidente da CBF, Marco Polo del Nero, os parabéns naquela tarde. "Você merece tudo de bom, mas queremos ainda mais", disse o dirigente, provando que mesmo em dia de festa a cobrança não dá moleza para o lado de Tite. Na parede, bem acima de sua cabeça, há um Espírito Santo de madeira e um terço pendurado – um pouco de fé não há de atrapalhar.

E foi a mesma franqueza pela qual é famoso que ele usou na conversa com a Placar, em que falou de seleção, corrupção e do meme de sua foto com a faixa presidencial que pipocou no Whatsapp logo depois da explosão do escândalo da JBS – ele não gostou nada dessa história, aliás. Confira a seguir trechos da entrevista.

UM TRABALHO EM ETAPAS

Quando assumiu a seleção brasileira, em 20 de junho de 2016, Tite tinha uma missão importante: classificar o Brasil para a Copa do Mundo da Rússia. O time sem moral após o fiasco do 7 a 1 no Mundial de 2014 e o vexame nas duas últimas edições da Copa América, com Dunga, precisava recuperar a credibilidade rapidamente e dar conta do recado. "Essa era a primeira etapa de meu trabalho. Havia uma margem de erro muito pequena e precisávamos nos classificar. Eu não imaginava quando seria isso e não imaginava que fosse tão cedo", ele diz.

Tranquilo após a classificação-relâmpago e uma sequência invicta de nove jogos, Tite afirma estar reconduzindo o trabalho a fim de permitir a construção de outras etapas até o mundial, e justifica a escolha de jogadores com que já havia trabalhado anteriormente. "Quando tinha necessidade de resultado, eu iria convocar o Jemerson, que não conheço direito, ou o Gil, que está no mesmo plano que ele, mas que conheço muito melhor? É claro que conhecer o lado humano do Gil pode pesar em uma convocação. Agora, consigo abrir esse leque e ampliar possibilidades. Posso conhecer o Jemerson, saber que confiança eu posso ter nele... Isso só vem com o tempo."

Para os próximos jogos, deste ano até a Copa do Mundo de 2018, o objetivo e estratégia é dar oportunidade a atletas de nível alto na seleção (ele relaciona como exemplos Alex Sandro e Jemerson, que tiveram destaque na reta final da Liga dos Campeões da Europa). "Quero que joguem, que tenhamos tempo de treinamento, tempo de relação, para que a gente possa construir uma equipe forte para o mundial. Quero dar oportunidade para aqueles que tenham nível técnico alto, para que haja a concorrência entre eles. Eu fomento essa concorrência.

CONVERSA FRANCA

A concorrência que ele cita é temperada, lógico, à moda de Tite. Tudo feito com muito diálogo e clareza entre os atletas. "Uma das experiências que tive como jogador é: fale na minha frente e seja coerente. Não tenho dois discursos. O que falo para vocês da imprensa é o que digo para eles. Eu digo que vão competir e afirmo que eu não sei quem vai ser convocado. Não adianta dizer que tem oportunidade para todos, porque não tem. São só 23. Por isso, lutem pelo seu espaço, briguem por ele e sejam leais."

Invicto nas Eliminatórias até agora, Tite sabe que a campanha é atípica, pelo grau de dificuldade dos jogos. "Minha convicção é que, mais que ficar atento, preciso saber que o resultado é importante, mas o desempenho é a essência. Só consigo resultado se os atletas em alto nível tiverem desempenho, se a formatação da equipe com sistema potencializa eles todos e que isso seja traduzido em número de oportunidades mais que o adversário, neutralizar o adversário e traduzir isso em gol. Futebol permite essas surpresas."

PÓS-COPA

O treinador já estipulou prazos para ficar em um time e hoje considera isso um erro. "Achava que ficaria três anos com o Corinthians e não deu... Eu quero refazer essa ideia e dizer assim: ela vai ser em cima da análise da seleção. Não adianta eu querer dizer que meu objetivo vai ser ficar até 2022, porque terei um tempo hábil de fazer um trabalho. Se chegar ao final de 2018 e pensarmos que é um trabalho que merece ter uma continuidade, fico mais. Nem adianta eu dizer que vou terminar em 2018, porque, se eu achar que vale a pena continuar, por que não seguir? O trabalho com a seleção é diferente do trabalho com um clube. Eu queria ter pego a seleção antes, ter mais tempo junto. Queria jogar a Copa das Confederações, queria estar junto. Acompanhar jogos me permite

estar próximo dos atletas com características diferentes das de clube", diz.

O PAPEL DA DERROTA

Tite costuma usar um termo como mantra: manter a concentração competitiva. Isso, segundo ele, é iniciar o jogo vencendo e manter o nível alto para fazer um segundo gol. E, se tomar um gol, saber absorver, mas não inibir, não derrubar autoestima, saber reagir às diversas situações de jogo. "São essas dificuldades que a gente tem que superar para ser uma equipe madura, cascuda", ele diz.

E precisa perder para manter a humildade? "Depois da vitória contra o Uruguai, eu perguntei a um integrante da comissão técnica: como está o clima deles lá dentro? E a resposta foi: 'Eles já apanharam muito. Eles sabem que têm que estar felizes, mas têm que estar preparados para a sequência'. Aquilo me marcou muito, achei muito, muito forte. Talvez a lição da derrota seja mais importante para mim do que para eles, porque eu não vivi essa experiência com a seleção. Mas espero que não aconteça. Se tiver que acontecer uma decepção, que seja antes da Copa", ele diz, rindo. "Estou bastante cascudo com Mundial e com Libertadores. Eu estou com 56 anos e acho que consegui administrar, sei lidar com isso e reagir às adversidades", completa, confiante. (N.R. A seleção brasileira perdeu para a Argentina por 1 x 0 no amistoso seguinte à entrevista.)

ERRO OU ACERTO COM MARQUINHOS?

Em 2011, quando dirigia o Corinthians, Tite promoveu o zagueiro Marquinhos, então com 17 anos, para compor o elenco que seria campeão brasileiro, mas não o colocou em campo. Sua estreia acabou acontecendo em fevereiro de 2012. Pouco depois, foi inscrito na Libertadores vencida pelo clube com a camisa 10, no lugar de Adriano, mas acabou não jogando na campanha do título. Tido como um grande talento da base, o zagueiro fez apenas 14 jogos oficiais pelo clube, alguns como volante, antes de ser vendido para a Roma-ITA por 7,2 milhões de euros. Perguntado se foi um erro não ter aproveitado mais o jogador, que depois fez uma ótima temporada na Itália e acabou vendido ao Paris Saint-Germain por 31,4 milhões de euros e virou titular absoluto da seleção, Tite deu sua versão.

"Existe o momento e existe o seu contexto. Assunto que fica em voga e a gente não interpreta o momento. A gente estava assistindo à final da Copa São Paulo de Juniores de 2012, eu e o Edu, e lá estavam o Antônio Carlos e o Marquinhos na zaga. Aí o Antônio Carlos marca os dois gols da vitória, o time é campeão e todo mundo falava só dele. E o Marquinhos vem e dá um carrinho e o Edu fala assim: Marquinhos joga muito. Em seguida, ele veio para a equipe de cima. Ficou um ano e pouco trabalhando comigo. Conseguimos identificar o talento ali. Ele pegou depois a camisa 10 que era do Adriano na Libertadores. Eu tinha o Paulo André, que vinha de lesão. Esperei até o último momento, chamei o Paulo André e disse que ele não poderia ser inscrito. Botei o Marquinhos. E três dias depois, contra o Palmeiras, o Paulo jogou muito. Não tinha condição de adivinhar. O Marquinhos jogou muito de volante, jogou de lateral no Chelsea, marcou Hazard, tinha velocidade e com 17 e 18 anos, não tinha a altura que tem hoje. Não sabia se seria lateral, volante ou meia, sei é que ele joga muito. Essa era a minha avaliação."

SELEÇÃO DE 82 X SELEÇÃO DE 94

Quando a reportagem pergunta para Tite qual sua seleção favorita entre a de 82 e a de 94, ele para. Dá um sorriso malicioso e um suspiro. "Cada etapa tem suas características. Você acha que Parreira não

queria ter Zico ou Júnior no time dele?", despista. "Comecei a acompanhar as Copas em 70 no finalzinho, por vídeo (equipe com Zagallo em que eventualmente eu bebo da fonte), e acho que essa é o marco maior. Nada pode ser igual à seleção de 70. Mas a que me marcou foi a de 1982. É incrível a capacidade criativa, os talentos individuais dos jogadores de 82! A seleção só ficou fora porque Copa do Mundo é um torneio. Se tivesse jogo de volta, teria total condição de ganhar e ser campeã mundial", diz, empolgado. "A geração de 94 tinha jogadores de muita qualidade, porém o que tinha de diferente e extraordinário era o Romário. E Bebeto chegando a esse ponto pelo processo criativo. Mas o grande craque foi o Parreira, que conseguiu montar um sistema tão equilibrado que permitiu a uma equipe sem tantos brilhos que fosse campeã mundial. O maior trabalho que um técnico teve das três Copas que eu vi ganharmos foi potencializar uma equipe sem tantos talentos."

Mas e se a seleção de 2018 se transformar na de 1982, que encantou e não ganhou? Tite cai na risada antes de responder. "Se jogar tudo o que jogou em 1982... que os deuses do futebol façam a parte deles! Porque a gente faz a nossa parte", fala, com bom humor. E se preocupa em deixar claro que a equipe está atenta ao desempenho, para ser melhor que o adversário dentro de campo. "É o jogo de enfrentamento e de confronto. Não é um jogo em que eu posso fazer só o meu trabalho como técnico e o outro faz o dele e os outros julgam. Não, nós estamos nos confrontando. Eu tenho que neutralizar o adversário, eu tenho que ter contato físico... Quais as variáveis que a gente tem condição de controlar? A mental deles e a minha; a técnica, a tática e a física. E eu procuro unir esses quatro elementos para chegar à excelência. Mas esse risco (de fracassar) é inevitável."

JOGO BONITO OU FUTEBOL PRAGMÁTICO?

Tite sabe que há dois jeitos de ganhar: o efetivo e o bonito. "Seleção é diferente de clube. Como torcedor, eu digo: a seleção tem que ganhar e encantar, mas nem sempre há talentos para formar uma seleção que encante. O objetivo de todos os técnicos é ser efetivo e bonito – e uma coisa não é contrária à outra. Em 2011, fomos campeões brasileiros e havia restrições ao Corinthians quanto à forma como ganhou. Era uma equipe que muito pouco errava defensivamente, com a força de um conjunto muito forte e que era letal sem muitos gols e sem beleza. Era mais efetiva que bonita. Em 2015, o time do Corinthians encantou. A gente quer que seja efetivo e bonito. Não quer que seja sofrido."

PRINCIPAIS ADVERSÁRIOS NA COPA

Antes de classificar a seleção para o mundial da Rússia, Tite disse que não iria fazer comentários sobre os nossos adversários. Após a conquista da vaga, o treinador disse que quer aproveitar para conhecer seus principais rivais. Tanto é que marcou viagem para a Rússia para acompanhar 15 partidas da Copa das Confederações. "Começo a analisar mais especificamente agora. Depois teremos um projeto de acompanhamento de todas as seleções. Quando soubermos a formação do grupo, teremos uma análise ainda maior. Mas por enquanto vejo a Bélgica com valores técnicos e individuais muito grandes, embora venha se falando pouco dela. Quando a gente fala de Hazard, de De Bruyne, Vitsel, dá um peso forte. Eles têm uma base montada, assim como Itália, Espanha e França. A Argentina tem talentos técnicos também e é forte. Aliás, para mim, se continuasse com o Bauza, acho que iria se classificar também. A Alemanha mantém sua estrutura. E Portugal é outra boa seleção, que na Euro, em momentos decisivos, marcou e chancelou sem seu

maior jogador, Cristiano Ronaldo. Isso é força de equipe. E é muito forte para vencer contra a França, na França! A equipe adquire corpo e consistência."

ACOMPANHAR JOGOS E MAIS JOGOS

Fanático por futebol, mesmo antes de se tornar jogador profissional e técnico, Tite acompanhava jogos por rádio e televisão quando novo e ainda ia ao estádio Alfredo Jaconi, em Caxias do Sul (RS), para ver partidas do Juventude, time de coração de seu pai. Hoje, como técnico da seleção, ver jogos na TV ou nos estádios faz parte do seu trabalho. "Eu só cheguei aqui à seleção porque vi muitos jogos quando moleque. Até minha esposa aprendeu que o ritmo é esse. Virou um vício." Tite fala sobre essa rotina e do que tem gostado do que viu nesse período.

"O Liverpool do início do ano era uma equipe muito móvel, com transições. Depois perdeu jogadores, perdeu um pouco de confiança e decaiu. A Juventus não erra! E atrás ela tem sua força e consistência defensiva jogando com linha de três e mudando para quatro defensores durante o jogo com a mesma naturalidade e desenvoltura. Isso é fruto do trabalho de muito tempo. Diferentemente de quem joga linha de quatro e muda para a de três."

Estudioso, Tite mostrou sua análise numa lousa sobre o esquema utilizado pelo técnico Jorge Sampaoli ainda pela seleção chilena. O treinador, que tinha acabado de ser anunciado como novo técnico da Argentina, seria o próximo adversário de Tite no amistoso do dia 9 de junho. "Ali há a variante que os times do Sampaoli utilizam, e que usou contra o Brasil com a seleção chilena. Com o Vidal, Sánchez e com o Vargas – dois alas, três jogadores atrás –, linha de quatro e linha de três. Porque a gente vai jogar um amistoso e eu preciso passar para os atletas aquilo que possa ser útil. Preciso munir de informações de como o adversário possa vir."

POLÍTICA NA CBF

Quando a pergunta é sobre como a crise política da CBF pode atrapalhar a seleção, Tite se vira para anotar em um bloquinho a palavra lesões. "Tirar atletas de alto nível pode dar problema. Não vejo que a crise política possa interferir na seleção. Não vejo politicamente. Lesões podem prejudicar. Perder grandes atletas em momentos decisivos tira o potencial. A essência é o atleta. O protagonista, o artista é o atleta. Quero dar melhor condição a ele", diz, fugindo do assunto.

O que acontece na CBF não muda nada para você? "Não é separado, porque faz parte do meu trabalho. Mas não vejo como se fosse um problema. Na primeira reunião com o Marco Polo, eu disse que vim

para ouvir e expliquei minhas condições para desenvolver um trabalho. Tinha know how do Corinthians, do Atlético-MG, do Grêmio, do Internacional, e precisava de condições. Precisava de um preparador físico em tempo integral, por exemplo. E todas essas condições foram proporcionadas. Tenho autonomia para desenvolver o trabalho, com executivo a quem possa passar atribuições diretivas, como é o caso do Edu Gaspar, coordenador técnico da seleção. Tenho um especialista que faz acompanhamento de treinamento – o Taffarel, treinador de goleiros, fez isso com o Marcelo Grohe e o Diego Alves, por exemplo. Podemos errar, mas estamos cercando de todas as possibilidades para buscar excelência. Não adianta eu só ouvir e dizer: 'Ah, eu estudei o Neymar'. Quero perguntar para o Muricy Ramalho e para o Dorival Júnior como estava o Neymar. Perguntar para o Fábio Carille como estava o Fágner. É minha função buscar essas respostas. Minha atribuição é essa porque vivemos num mundo competitivo em que nem todos se dão bem. Nem todos são amigos, uns são mais próximos, outros não..."

CRISE POLÍTICA NO BRASIL

Antes de falar sobre o momento político do Brasil, Tite dá um longo suspiro. "Torço muito como cidadão e ser humano para que os meios de comunicações externem para todos as informações daquilo que acontece. Para que a impunidade acabe e para que quem cometeu seus erros pague por eles", diz, fechando a cara. Ele confessa que, como técnico, já viu de tudo. Até treinador corrupto que ganha dinheiro para convocar jogador (inclusive já foi procurado para fazer coisas semelhantes). E eleva o tom de voz, batendo na mesa para dizer, enfaticamente: "Que pague por isso. Que seja punido".

"Fere enquanto ser humano a gente viver numa sociedade com uma desigualdade dessas. Tem tanta grana que poderia ser revertida para estudo e saúde de maior qualidade... E quando a gente diz que corrupção mata, é porque mata mesmo. Quando um médico diz que tem remédio numa zona de vulnerabilidade num posto de saúde pobre pra caramba e tem que escolher que remédio dar e quem vai salvar... E que o outro vai morrer... A que ponto absurdo a gente chegou! Punir, sim. Que os meios de comunicação e que eu mesmo sejamos exemplo para que a corrupção pare."

TITE PRESIDENTE DA REPÚBLICA

No mesmo dia em que vieram à tona os áudios do diálogo entre o presidente Michel Temer e o empresário Joesley Batista, da JBS, começaram a pipocar nos grupos de Whatsapp imagens de Tite com a faixa presidencial. A piada não agradou o treinador. "É um assunto tão sério que me machuca. E não me incomodei com a piada no Whatsapp, eu estou incomodado é com a situação do país. Quando pensamos no técnico da seleção brasileira para ser presidente, é porque a gente tem um descrédito político muito grande. Temos que ter novas lideranças. Eu estou procurando também. Não posso e não quero, na minha posição, externar quais são elas. Mas procuro lideranças que possam passar transparência e credibilidade. Vibro quando as instituições conseguem passar a verdade para a gente dizer: 'Esse aí não, esse sai fora'..."

TITE TAMBÉM ERRA

"Sou um ser humano que erra para caramba. Como técnico, já pedi para jogador cair para a partida ser interrompida. Cometi uma série de erros. O que procuro passar para as pessoas é o mérito, avaliar quem merece. Ter detalhes e critérios para estabelecer, e independentemente do nome ou status da profissão. Eu tive que tirar o Fenômeno da equipe do Corinthians, eu fui para casa pensando: 'Cara, você vai tirar o Fenômeno do time...' Vou, porque precisa haver um condicionamento físico. Porque eu preciso ser leal a ele. Com o Rincón foi a mesma coisa, com toda a história e peso que o nome dele tinha no clube. Ou tirar o Zinho do Grêmio. Falar de uma forma direta ao atleta sem subterfúgios, sem diz que diz que, procurar essa transparência."

JOGADOR BONZINHO

Muito se falou da atitude do zagueiro Rodrigo Caio, do São Paulo, na semifinal do Campeonato Paulista, criticado por assumir a culpa de um encontrão com o goleiro Renan Ribeiro e livrar o corintiano Jô de levar o amarelo e consequentemente uma suspensão no jogo de volta. Enquanto uma parte elogiou a atitude honesta – coisa rara de se ver no futebol, outra parte (incluindo o próprio treinador, Rogério Ceni) criticou a atitude do zagueiro. Tite deixa claro seu lado. Ele gosta da franqueza.

"Rodrigo Caio foi convocado quatro vezes comigo. Na primeira, se machucou e não estava em campo. Na segunda, foi contra Argentina e Peru. E ele treinou como zagueiro e volante porque é versátil e pode trabalhar nas duas funções. E eu até projetava, como o Casemiro estava machucado, ele ficar como primeiro volante e marcar o Messi, no jogo contra a Argentina, no Mineirão. Na terceira vez, ele foi zagueiro contra a Colômbia e foi bem. Agora foi convocado pela quarta vez pela qualidade técnica que ele tem e pela conduta pessoal. Veja bem que eu coloquei nessa ordem: primeiro vem a qualidade técnica. Agora dizem que ele é bonzinho. O que é bonzinho? Para mim é um termo pejorativo. Bonzinho para mim é dissimulado. Para mim tem que ser franco, leal, verdadeiro, dizer o que pensa, pela frente, não passar mensagem subliminar, dizer de forma aberta. Diga o que sente e diga o que faz. Bonzinho, não. Eu gosto de cara leal que fala pela frente. Agora, se eu convoco por conduta? Convoquei três vezes antes desse episódio e isso já dá a resposta. A conduta correta é associada à qualificação profissional: entendo que tem que ter integridade. É uma força moral que no momento da adversidade vai estar forte e firme, sim. Sem dizer que isso é um atributo de jogador bonzinho, porque isso para mim é falsidade."

Mas o Rodrigo Caio foi criticado pela atitude...

"Respeito as opiniões contrárias à minha. Mas isso é diferente do que eu penso."

ENTENDA OS NÚMEROS DE TITE NA SELEÇÃO

Retrospecto

- CLASSIFICOU O BRASIL PARA A COPA DE 2018 COM QUATRO RODADAS DE ANTECEDÊNCIA.
- ESTÁ INVICTO EM JOGOS OFICIAIS DE COMPETIÇÃO (8 JOGOS E 8 VITÓRIAS)
- COM DUNGA, O BRASIL TINHA 3 VITÓRIAS, 3 EMPATES E 1 DERROTA NAS ELIMINATÓRIAS
- RECOLOCOU O BRASIL NA LIDERANÇA DO RANKING DA FIFA

1/9/2016
Olímpico Atahualpa (Quito-EQU)
Equador 0 x 3 Brasil
(Eliminatórias)

6/9/2016
Arena Amazônia (Manaus-AM)
Brasil 2 x 1 Colômbia
(Eliminatórias)

6/10/2016
Arena das Dunas (Natal-RN)
Brasil 5 x 0 Bolívia
(Eliminatórias)

11/10/2016
Metropolitano (Mérida-VEN)
Venezuela 0 x 2 Brasil
(Eliminatórias)

10/11/2016
Mineirão (Belo Horizonte-MG)
Brasil 3 x 0 Argentina
(Eliminatórias)

15/11/2016
Nacional (Lima-PER)
Peru 0 x 2 Brasil
(Eliminatórias)

25/1/2017
Engenhão (Rio de Janeiro-RJ)
Brasil 1 x 0 Colômbia
(Amistoso)

23/3/2017
Centenário (Montevidéu-URU)
Uruguai 1 x 4 Brasil
(Eliminatórias)

28/3/2017
Arena Corinthians (São Paulo-SP)
Brasil 3 x 0 Paraguai
(Eliminatórias)

9/6/2017
Cricket Ground (Melbourne-AUS)
Argentina 1 x 0 Brasil
(Amistoso)

13/6/2017
Cricket Ground (Melbourne-AUS)
Austrália 0 x 4 Brasil
(Amistoso)

Técnicos com mais jogos pela seleção brasileira

Técnico	Vitórias	Empates	Derrotas	Jogos / aproveitamento
Zagallo	90	26	10	126 J 80,3% aproveitamento
Parreira	61	37	14	112 J / 67,9% aprov.
Dunga	57	17	9	83 J / 75,5% aprov.
Aymoré Moreira	39	9	16	63 J / 64,5% aprov.
Vicente Feola	41	10	6	57 J / 80,7% aprov.
Flávio Costa	35	9	12	56 J / 70,5% aprov.
Telê Santana	38	10	5	53 J / 81,1% aprov.
Luiz Felipe Scolari	37	7	9	53 J / 74,2% aprov.
Mano Menezes	21	6	6	33 J / 69,7% aprov.
Luxemburgo	21	7	5	33 J / 70,7% aprov.
Osvaldo Brandão	21	6	5	32 J / 75% aprov.
Cláudio Coutinho	17	11	3	31 J / 72,6% aprov.
Sebastião Lazaroni	19	7	4	30 J / 75% aprov.
Adhemar Pimenta	10	2	8	20 J / 55% aprov.)
Carlos Alberto Silva	12	5	2	19 J / 76,3% aprov.
Falcão	6	7	3	16 J / 59,4% aprov.
Zezé Moreira	9	3	1	13 J / 80,8% aprov.
João Saldanha	10		1	11 J / 90,9% aprov.
Tite	10		1	11 J / 90,9% aprov.
Emerson Leão	2	4	3	9 J / 37% aprov.

Convocações

Desde sua entrada na seleção, Tite fez seis convocações e chamou 55 jogadores. Destes, 13 não entraram em campo. Dos 42 que jogaram, 21 jogaram três ou mais partidas. Assim, a seleção brasileira já tem uma cara definida a quase um ano da Copa. Até lá, o treinador deverá optar pelos três goleiros e seu titular (Alisson, o que mais jogou, não vive boa fase na Roma), um reserva para Daniel Alves (Fágner é o mais cotado), além de bons atacantes para a reserva de Neymar e Gabriel Jesus.

Jogador	Pos.	Jogos	Titular	Gols
Alisson	G	8	8	-2
Weverton	G	2	2	-1
Diego Alves	G	1	1	0
Alex Muralha	G	0	0	0
Danilo Fernandes	G	0	0	0
Ederson	G	0	0	0
Marcelo Grohe	G	0	0	0
Daniel Alves	LD	7	7	0
Fágner	LD	3	3	0
Rafinha	LD	2	1	0
Marcos Rocha	LD	0	0	0
Mariano	LD	0	0	0
Marquinhos	Z	8	8	0
Miranda	Z	8	8	1
Thiago Silva	Z	4	3	1
Gil	Z	2	1	0
Rodrigo Caio	Z	2	2	0
Geromel	Z	1	1	0
Jemerson	Z	1	0	0
Luan	Z	0	0	0
Victor Hugo	Z	0	0	0
Marcelo	LE	5	5	1
Filipe Luís	LE	4	4	1
Alex Sandro	LE	1	1	0
Fábio Santos	LE	1	1	0
Jorge	LE	1	0	0
Wendell	LE	0	0	0
Paulinho	V	9	8	4
Fernandinho	V	7	5	0
Casemiro	V	4	4	0
David Luiz	V	1	1	0
Walace	V	1	1	0
Willian Arão	V	1	1	0
Rafael Carioca	V	0	0	0
Henrique	V	0	0	0
Renato Augusto	M	10	9	1
Philippe Coutinho	M	10	8	3
Willian	M	9	4	1
Giuliano	M	5	2	0
Lucas Lima	M	2	1	0
Rodriguinho	M	2	0	0
Camilo	M	1	0	0
Diego	M	1	0	0
Gustavo Scarpa	M	1	0	0
Oscar	M	0	0	0
Gabriel Jesus	A	7	7	5
Neymar	A	7	7	6
Douglas Costa	A	4	1	0
Diego Souza	A	4	2	2
Roberto Firmino	A	4	2	1
Taison	A	4	0	1
Dudu	A	1	1	1
Luan	A	1	0	0
Robinho	A	1	1	0
Gabriel	A	0	0	0

VINÍCIUS JÚNIOR

Na semana da entrevista de Tite à Placar, o jovem atacante Vinícius Júnior havia estreado pelo profissional do Flamengo e depois foi vendido ao Real Madrid-ESP por 45 milhões de euros. Tite preferiu não opinar sobre o negócio (não quis dizer se acha que foi bom ou não) e comentou sobre o momento da promessa rubro-negra e uma possível chance de ele ir à Copa.

"O Vinícius Júnior teria que apressar etapas para estar na Copa: ele tem apenas 16, 17 anos, e existe um processo de maturação do jogador. Eu não acredito em pular etapas, eu acredito em apressá-las. Vai depender do grau de maturidade dele. Temos que ter cuidado em relação a isso. O Zé Ricardo, que era treinador da base, tem uma experiência com ele que eu não tenho. Só peguei jogador que já era cascudo. O know how dele nesse assunto é maior do que o meu. O Cléber (Xavier) me empresta uma experiência de 16 anos com base. Tem que procurar saber o grau de maturidade no aspecto emocional e mental do atleta para que não sinta a adversidade e tenha tempo para que possa desenvolver isso tudo."

"O Vinícius parece um talento impressionante, eu torço para que ele tenha pessoas próximas a ele, porque ele é garoto e quando é garoto a gente não dimensiona. Vamos voltar no tempo e se ver com 16 anos. Qual o nível de compreensão que a gente tinha e o deslumbre que podia surgir? Ter pessoas próximas com os pés no chão que possam contribuir para esse amadurecimento é importante."

SAÍDA DO CORINTHIANS

Quando Tite recebeu o convite para assumir o comando da seleção brasileira, teve várias reações. A primeira, ao sair da sede da CBF, foi de felicidade extrema: "Vou realizar meu sonho", ele pensou. Depois de dormir uma noite no Rio de Janeiro, acordou com a sensação de que não deveria aceitar. "Pensei: é uma responsabilidade muito grande, sem tempo de trabalho! Eu ficava falando para mim mesmo que não dava." Voltou para São Paulo com uma dúvida tão grande que ficou quieto, sua maneira de pensar em uma solução. Tão calado que sua mulher, a pessoa que mais o conhece no mundo, segundo ele, disse que não estava conseguindo ler o que ele estava sentindo. "Eu disse que ela não estava conseguindo porque nem eu sabia o que fazer", contou. "Seria uma situação difícil, a margem de erro pequena, fui para casa e aquilo batendo – um lado sim e outro não. Aí fui para o Corinthians trabalhar e me bateu outro pensamento: eu estou num momento bom profissional, não sei se terei oportunidade como essa. Abel foi campeão do mundo, Paulo Autuori, Rubens Minelli, Ênio Andrade... e ninguém teve oportunidade como essa! Acho que pesou meu lado egoísta – se não for agora, não sei se vai estar no momento de poder decidir outra vez na vida."

Aí chegou a hora de dizer para o chefe. Ele chamou o presidente do Corinthians, Roberto de Andrade, contou que havia sido convidado e que havia decidido aceitar. "Ele perguntou para mim se o Edu estava inserido na ideia. E ele estava puto da cara. E eu compreendo. Ele perguntou se era isso que eu queria. O Roberto é um baita de um cara, uma baita de uma pessoa. Quando eu disse que levaria o Edu, na sequência ele acalmou. Ele tinha um projeto em cima de pessoas por quem tinha uma consideração muito grande. Para ele estava pesando o Corinthians, as pessoas e o trabalho envolvido. Aí acabou o treino e ele disse que dariam sequência ao trabalho com o Carille. E que íamos ali fazer uma despedida com o pessoal (funcionários e atletas). Aquilo me tocou muito. 'Lutei para que ficasse aqui, mas entendo o não', ele disse. É isso: amigo entende o não, senão

vira uma troca de favores: eu só dou algo se tiver algo em troca. E ele teve a grandeza, levou a família à despedida no fim de semana. Os dois filhos me deram abraço. Eu fiquei aliviado."

PUPILO DE TITE

"A indicação do Carille partiu dele. Eu não falei de nome de ninguém. Amigo não coloca o outro em saia justa. Não posso indicar o Fábio porque eles podem estar à mercê de contratar um outro profissional. Que direito eu tenho? Eu nunca indiquei um técnico ao Corinthians. E eles tiveram a sensibilidade de não me perguntar. Eles sabiam dos meus conceitos, minhas ideias, e não precisavam transferir para mim uma responsabilidade que era deles. Eles tiveram a hombridade de não me colocar em uma saia justa."

LIBERTADORES OU MUNDIAL DE CLUBES?

"Tenho a impressão de que a conquista da Libertadores foi mais importante que a do Mundial. Muitos corintianos dizem que o resgate da Libertadores foi muito importante. Agora nenhum outro clube pode dizer que não temos mais – e ainda conquistamos de forma invicta, com todos aqueles números, defesa menos vazada, equipe mais disciplinada! E a final contra o Boca, passando pelo Santos de Neymar... Eu acho que esse sentimento da Libertadores fica com um peso igual ou maior que o Mundial."

A EVOLUÇÃO DE NEYMAR

"Acredito que o atleta, como regra geral, está no ápice físico e mental dos 27 aos 29 anos. É essa a fase em que ele é cascudo, já ganhou, já perdeu, já tomou porrada, já foi campeão, já foi criticado. Mentalmente está num processo e a cabeça e o corpo respondem bem. A partir dos 30, o nível de força do jogador baixa. O Neymar vai atingir o ápice em três anos. Mas hoje já é um jogador extraclasse. Acima dos padrões normais. Tecnicamente ele surpreende – no Santos ele tinha muita jogada individual, verticalidade e gol. E aqui na seleção desenvolveu a capacidade de assistência, que vem desde o Barcelona. O raciocínio dele é: 'Ah, vocês vão me dobrar a marcação... então vou ter capacidade de assistência!' Na Champions, ele foi o maior assistente. Começou a desenvolver uma outra virtude em cima da adversidade que o jogo te dá. Ele tem bom cabeceio, dá para evoluir."

Nesse processo de crescimento do craque, Tite dá a entender que Neymar está deixando de lado o estilo cai-cai, criticado por muitos em seu início de Barcelona, mas de maneira sutil. "O Neymar está adquirindo maturidade e experiência, evoluindo para abrir mão da falta, para aumentar a chance de gol. E faz o gol. Contra o Uruguai, ele podia ter uma falta marcada, conseguir cavar a expulsão do adversário (Godín), mas sustentou e foi para gol. Esse processo precisa ser feito assim mesmo. É garoto ainda, tem 25 anos. Tem processo de maturação e crescimento. O quanto mais ele vai evoluir e em que quesito, não sei. Pode ser em algum atributo que nem estejamos falando aqui, mas que o dia a dia possa lhe permitir."

NEYMAR É O SEGUNDO MELHOR JOGADOR BRASILEIRO DEPOIS DE PELÉ NA HISTÓRIA?

"É muito difícil de dizer. São etapas e ciclos. Cada um tem o seu. Por exemplo: Zico terminou a carreira, então agora posso analisar. Romário, Fenômeno... Eles se aposentaram, então podemos julgar. E só vou poder fazer isso também quando o Neymar parar. O que posso dizer é que nos dias de hoje tem Messi e Cristiano Ronaldo no ápice. Seguidos por Neymar, Griezmann e Hazard. Neymar na frente deles, com um processo de evolução maior. Eles estão entre os melhores.

IMAGINA NA COPA (DA RÚSSIA)

A Copa é daqui a um ano e a Rússia enfrenta desafios semelhantes aos vividos no Brasil quando organizou a sua: crise econômica, denúncias de corrupção e uma enorme desconfiança da população local se tudo vai dar certo

por Rodrigo Ianhez, de Moscou

Se a Copa das Confederações 2017 servir como termômetro para o mundial de 2018, a Rússia terá um grande evento do qual se orgulhar no ano que vem. A maioria dos russos, apesar de indiferentes ao acontecimento, tem se mostrado aos visitantes um povo receptivo e curioso em relação ao estrangeiro. Já os organizadores vêm provando que souberam corrigir a maioria dos problemas que surgiram no decorrer do evento. A Copa das Confederações ocorreu até o início do mês de julho em quatro cidades, entre as 11 que vão sediar a Copa do Mundo no próximo ano.

Em Moscou e em São Petersburgo, as maiores cidades do país, fica menos evidente nas ruas que a Rússia está sediando um grande campeonato internacional de futebol. Ainda assim, é muito claro o apoio e o entusiasmo das autoridades. A imprensa local, muito próxima do governo, tem uma abordagem positiva dos eventos, ressaltando o sucesso na organização do campeonato. Foram ainda organizadas imensas Fan Zones, que ficaram lotadas durante os jogos. A de São Petersburgo, por exemplo, fica localizada bem em frente ao principal cartão-postal da cidade, a Catedral do Sangue Derramado. Além disso, o policiamento é ostensivo, tanto próximo aos estádios como nos principais pontos turísticos. Presente em vários pontos de todas as cidades também está a propaganda da Copa, além de material promocional como bonecos do mascote Zabivaka, um jogo de palavras com o verbo *zabivat*, marcar gol, e a palavra *volk*, que significa lobo.

A Rússia valoriza megaeventos, como a Copa do Mundo, pelo potencial propagandístico. Isso reflete no apoio que o governo proporciona para a Fifa, esperando melhorar a imagem do país internamente e no exterior. Outro exemplo do entusiasmo das autoridades russas com os campeonatos da Fifa é a parceria firmada com a empresa estatal de linhas férreas, a RZhD (Rossiskie Zheleznye Dorogi). O principal meio de transporte no país de dimensões continentais é o trem, a exemplo da famosa ferrovia Transiberiana. A viagem de Moscou para a cidade-sede mais distante, Sochi, pode durar cerca de 20 horas. Por isso, para todos os torcedores que possuam ingressos, o transporte terrestre entre as cidades é de graça. Basta apresentar o ingresso e o passaporte de torcedor. Até a metade do evento, cerca de 55 000 visitantes receberam passagens de trem gratuitas.

O cidadão russo não demonstra a mesma euforia da imprensa e das autoridades do país. Há algumas semelhanças entre a visão dos russos e a dos brasileiros sobre a realização da Copa do Mundo em seus respectivos países. Muitos acreditam que a construção de estádios e a organização de um evento desse porte não deveriam ser prioridade em um país que atravessa uma crise econômica e sofre sanções comerciais impostas pela União Europeia e pelos Estados Unidos. O símbolo mais claro desse descontentamento é a Arena Zenit, em São Petersburgo. Trata-se de um dos estádios mais modernos planejados para a Copa de 2018, que contará inclusive com um sistema de derretimento de neve, para garantir jogos a céu aberto mesmo em temperaturas próximas de 10 graus negativos. Porém, o visitante não deve se

©FOTOS GETTY IMAGES

Tudo quase pronto na Rússia: os presidentes Gianni Infantino (Fifa) e Putin (Rússia) adoraram a Copa das Confederações

preocupar. O mundial de futebol ocorrerá durante o verão, com temperaturas que devem variar de 15 a 30 graus Celsius. A Arena do principal time da Rússia na atualidade foi o centro de uma série de escândalos de corrupção desde o ano passado, que já acarretaram o afastamento e a condenação de diversas autoridades do governo local. No entanto, ao contrário dos prognósticos mais pessimistas, a obra faraônica foi concluída a tempo de sediar os principais jogos da Copa das Confederações, incluindo a abertura e a final.

Apesar das controvérsias, a postura da maioria dos cidadãos é de indiferença ou conformismo. Ao contrário do Brasil, os eventos da Fifa não foram o alvo central de protestos contra a corrupção que estão se intensificando, conforme a eleição presidencial do ano que vem se aproxima. A ideia de que a Rússia não deveria gastar tanto com megaeventos vem desde a organização dos Jogos Olímpicos de Inverno em Sochi, em 2014, que foram os mais caros da história. Mas, até o momento, esse descontentamento não se converteu em manifestações.

De modo geral, a organização do evento foi bem-sucedida. O passaporte do torcedor, entretanto, é o motivo de maior controvérsia. Esse documento foi criado para reforçar o controle sobre os visitantes, garantindo que as autoridades saibam exatamente quem são os torcedores e a quais partidas cada um assistiu. O governo afirma que o principal motivo da exigência desse documento é o combate ao terrorismo. Para entrar nos estádios é obrigatório portar esse passaporte – no entanto, muitos deixaram para retirá-lo na última hora. Cada estádio conta com cerca de três centros para a entrega do documento, porém nos jogos mais requisitados, como as partidas da seleção russa, os organizadores não conseguiram dar vazão ao número de espectadores. Muitos perderam os minutos iniciais dos jogos, devido a atrasos na distribuição do passaporte do torcedor.

Em outros aspectos, a organização se mostrou competente, confirmando o talento dos russos para eventos de grande porte, que ficou evidente desde a Olimpíada de 1980, quando o ursinho Misha emocionou o mundo. A quantidade de voluntários chama atenção, e o público também elogiou a boa vontade e o entusiasmo, apesar de algumas dificuldades de comunicação. Na Rússia, a maioria das pessoas não fala inglês, e com os voluntários da Copa não é diferente.

A melhora no atendimento ao público, no entanto, é visível com o decorrer do evento. Situações de lentidão no atendimento dos espectadores portadores de necessidades especiais, por exemplo, foram rapidamente sanadas desde as primeiras partidas. Outro problema que parece ter sido resolvido foi a insuficiência de alimento nos estádios ocorrida em alguns dos primeiros jogos. As opções de alimentação são o padrão para os campeonatos da Fifa, cachorro-quente e bebidas caras. Vodca e o típico estrogonofe russo só poderão ser provados fora dos estádios. Evidentemente, ainda há muito o que melhorar. Nas partidas mais lotadas, houve problemas com filas para os banheiros e lanchonetes.

A questão de segurança levantava alguma preocupação, além da questão do terrorismo, pelo histórico violento de algumas torcidas russas. Como no Brasil, a venda de cerveja dentro dos estádios encontrou alguma resistência. Bebidas alcoólicas são totalmente vetadas nos eventos esportivos na Rússia, que contam com até três revistas para evitar que torcedores levem álcool para dentro das partidas. Porém, na Copa das Confederações não ocorreram grandes incidentes. A segurança nos arredores dos estádios contou inclusive com polícia montada, e a saída foi realizada de maneira ordenada e segura.

Do lado de fora dos estádios o público também não tem grandes motivos para queixas. O transporte está muito bem organizado, com o metrô atendendo eficientemente todos os jogos. O sistema de metrô de Moscou é conhecido por sua arquitetura digna de palácios, com mais de 200 estações, muitas decoradas com mármore, lustres e monumentos. A maior parte das cidades-sede conta com o transporte urbano subterrâneo. Nos principais pontos turísticos, voluntários auxiliam os visitantes estrangeiros. Chamou atenção a quantidade de torcedores estrangeiros também nas menores cidades-sede. Sochi, o principal balneário russo do Mar Negro, está acostumada com acontecimentos esportivos de grande porte, desde que sediou a Olimpíada de Inverno em 2014. Já Kazan, a capital da eepública do Tartarstão, também recebeu grandes eventos nos últimos anos. A cidade mostra um lado desconhecido da Rússia para o público ocidental. Os tártaros são uma das mais de 180 etnias do país, e contrastam pela língua, cultura e religião muçulmana. A impressão dos visitantes da capital tártara nessa Copa das Confederações de cerca de 1 milhão de habitantes foi de uma "invasão mexicana".

De modo geral, a quantidade de visitantes foi maior do que os prognósticos pessimistas de antes do início da Copa das Confederações. Os jogos da seleção russa contaram com presença massiva de torcedores locais. No entanto, sua rápida eliminação foi motivo de piada entre os russos, a despeito do entusiasmo exagerado que a imprensa do país vinha demonstrando até então. A fraca performance da seleção apenas confirma o ceticismo que os torcedores já vinham demonstrando quanto à participação do time anfitrião na Copa do próximo ano. É de se esperar que, quando a bola comece a rolar em 2018, a febre do futebol derrote a aparente frieza dos russos.

© FOTOS GETTY IMAGES

A seleção russa em campo: casa cheia e motivo de piadas internas. O mascote Zabivaka e a simpatia dos torcedores

Jogadores do Vissel Kobe e Ventforet Kofu reverenciam os torcedores

O DIA EM QUE O JAPÃO DESCOBRIU O FUTEBOL

Prestes a comemorar 25 anos do início de sua primeira liga profissional, a J-League, Placar convidou Takashi Ogami, editor-chefe da *Shukyu Magazine*, uma revista de comportamento e futebol no Japão, para contar como o esporte se enraizou na cultura do país

por Takashi Ogami, do Japão / fotos Ricardo Corrêa

A liga de futebol no Japão se inicia quando a JSL, a liga de futebol amador japonês, foi criada em 1965. Em 1968, conquistou a medalha de bronze na Olimpíada do México. Foi um sucesso momentâneo, mas os resultados negativos seguintes distanciaram os torcedores por muito tempo do futebol. Na década de 1980, o futebol japonês ia de mal a pior, desprezado pela mídia. Tanto a JSL como a Federação Japonesa de Futebol (JFA) fizeram inúmeras tentativas – todas em vão – de introduzir o futebol profissional.

Em junho de 1986, quando se realizava a Copa de México, João Havelange, eterno presidente da Fifa, comentou durante uma entrevista que o Japão seria um candidato forte a sediar a primeira Copa na Ásia, em 1998 ou 2002. Seu comentário fez com que o Japão comunicasse à Fifa, em novembro de 1989, sua intenção de sediar a Copa. Graças a uma boa situação econômica vivida pelo Japão naquele período e a perspectiva de realizar uma Copa do Mundo, além da recuperação da imagem da seleção japonesa, que quase se classificou para a disputa da Copa do Mundo dos Estados Unidos, em 1994, finalmente, em 15 de maio de 1993 foi oficialmente inaugurada a J-League.

O "boom" da Liga

O jogo inaugural foi entre os dois times mais famosos desde a época de JSL: Verdy Kawasaki, ligado ao grupo de mídia Yomiuri, e Yokohama Marinos, que nasceu do departamento de futebol da Nissan Automotiva, no Estádio Nacional. Com jogadores que atuavam na seleção nacional nos times, a atenção ao jogo era muito grande e foi uma guerra para comprar os ingressos premium. No início o Verdy dominou o jogo, mas no final o Yokohama Marinos

foi o vencedor do jogo inaugural, com destaque para o ex-jogador argentino Ramón Díaz. O sucesso do primeiro jogo, somado à intensa campanha publicitária da J-League, logo transformou o futebol num fenômeno de popularidade. Dirigentes passaram, então, a acreditar ainda mais no potencial sucesso da liga.

Em 1993, a média de público foi de 17 976 pessoas, ultrapassando de longe os 10 000 previstos para a primeira temporada. O interesse pelos jogos foi aumentando, com bilhetes esgotados antecipadamente, e foi nessa época também que surgiram acessórios como cornetas e adereços de mão para animar as partidas.

Os jogadores se orgulhavam de ser ídolos e tinham grande visibilidade na TV, e os fãs de futebol foram aumentando. Eu mesmo era fanático por beisebol na época, aos 9 anos, e acabei atraído pelo futebol. A imagem jovial da J-League teve vasta penetração na sociedade e chamou a atenção de jovens de 10 a 20 anos. O sucesso do futebol começou ameaçar a sobrevivência de outras ligas esportivas, como o beisebol.

Com dinheiro em caixa, foi fácil atrair jogadores e estrelas de fora. Vieram nomes como Littbarski, Lineker, Stoichkov, Laudrup e Schillaci. Para o Japão, que nunca tinha participado de uma Copa do Mundo, a presença desses grandes nomes era empolgante. Entre os estrangeiros, a lista de jogadores brasileiros era grande e a vinda de Zico tinha sido especial. Ele atuou como treinador aqui após se aposentar. É considerado o homem que construiu a base do Kashima Antlers. Além dos seus ensinamentos técnicos como um dos melhores jogadores profissionais do mundo, foi referência para os jogadores japoneses, que ainda careciam de espírito profissional. Ensinou as regras e a ter orgulho de ser um jogador. Seus ensinamentos não ficaram restritos ao Kashima e se propagaram entre todos os jogadores da liga. Há quem diga que o sucesso inicial da J-League se deva a Zico e seu espírito de atleta de futebol. Jogadores brasileiros que se naturalizaram japoneses, como Ruy Ramos, Luiz Wagner, Alessandro Matos, Marcos Túlio Tanaka, entre outros, foram fundamentais para a seleção japonesa. Para mim isso é fruto da amizade entre Brasil e Japão, que vem de longa data.

A MÉDIA DE PÚBLICO DO PRIMEIRO ANO DA J-LEAGUE (1993) FOI DE 17 976 TORCEDORES, SUPERANDO MUITO A EXPECTATIVA

A tragédia de Doha

Tudo seguia com muito entusiasmo em 1993. Além do início da J-League e de ter conquistado a Copa da Ásia, em 1992, o Japão tinha grandes chances de se classificar para disputar sua primeira Copa do Mundo, que teria lugar nos Estados Unidos no ano seguinte. Bastava uma vitória no último jogo das Eliminatórias, contra o Iraque, em Doha, no Catar, para que o sonho se concretizasse. Aos 5 minutos do primeiro tempo, uma cabeçada de Kazu já dava vantagem ao time japonês. Aos 24 do segundo tempo, o jogo já estava 2 a 1 para o Japão, com um chute certeiro de Masashi Nakayama. Porém, em uma cobrança de escanteio, o Iraque empatou. Arábia Saudita e Coreia, adversários diretos pela vaga, venceram seus respectivos jogos e o Japão caiu para terceiro colocado na classificação geral, perdendo a chance de disputar a Copa. Foi um evento muito triste para a história do futebol japonês, que ficou marcado como "a tragédia de Doha".

Três anos após sua inauguração, a J-League viveu uma queda de público. Em 1998, o Yokohama Flugers, patrocinado por uma das maiores construtoras do país, que enfrentava séria crise econômica, encerrou suas atividades com o fim do aporte de recursos pela empresa. O time acabou sendo absorvido pelo Yokohama Marinos, bancado pela Nissan, o que resultou no Yokohama F. Marinos, que permanece até os dias de hoje. Os antigos fãs do Flugers constituíram um novo time, o Yokohama FC, aliás, time onde atua, aos 50 anos, Kazu, muito conhecido pelo brasileiros e que disputa a J2 (nossa segunda divisão). Sem os fartos recursos do patrocinadores, os clubes japoneses se esforçam para obter novos recursos e se fixaram na ideologia do fortalecimento e da cultura regional de cada time, filosofia da liga, para uma nova era no futebol japonês.

Enfim as Copas do Mundo

O Japão finalmente alcança sua primeira participação em Copa do Mundo, na França, em 1998. Foram dez jogos disputados nas Eliminatórias da Ásia. Quatro anos após a tragédia de Doha, a tão sonhada conquista de uma vaga, um acontecimento conhecido no Japão como Júbilo de

Torcedores no Japão tratam seus ídolos e os adversários com o mesmo respeito

O desafio é formar ídolos jovens e retê-los na J-League

No entorno dos estádios há área de lazer e montam-se muitas lojinhas de produtos dos clubes

Dia de jogo da Levain Cup, em Kobe

No Japão, por enquanto, o futebol é somente na TV paga

O famoso bife Kobe é vendido no estádio: "futebol gourmet"

As crianças são a aposta para garantir o futuro da liga

Johor Bahru. A euforia com a classificação acabou nos primeiros três jogos da Copa. Foram três derrotas, para Argentina, Croácia e Jamaica. Ainda restava o ânimo de sediar a Copa do Mundo de 2002, após o apoio de Havelange, quando veio mais uma decepção. Um confronto entre Uefa e Fifa acabou por decidir que a Copa de 2002 seria dividida entre Japão e Coreia. Para evitar uma disputa política com o país vizinho, os japoneses acabaram por aceitar dividir a organização, o que gerou grande frustração. Com a proximidade da Copa, porém, ressurgiu a euforia em torno do futebol no Japão, especialmente com os ídolos europeus. O meia-atacante inglês David Beckham era a grande referência para os jovens, que começaram a copiar seu corte de cabelo com topete. A J-League também se beneficiou da retomada da onda de futebol no Japão e novamente, entre os jovens, a audiência do futebol cresceu. Ao mesmo tempo, oportunidades para os japoneses começarem a praticar o futebol surgiram, inclusive fora do Japão, nos países europeus.

A caminho da Europa

O que parecia improvável começa a acontecer: alguns jogadores japoneses iniciam intercâmbios com grandes centros do futebol mundial. Hidetoshi Nakata foi o primeiro atleta a atuar na Europa, mais precisamente na Itália, pelo Perugia, após ser revelado pelo Bellmare Hiratsuka, em 1998. Suas condições físicas e mentais imbatíveis e seu carisma, nunca antes observados em jogadores japoneses, fizeram dele um sucesso. Nakata acabou triunfando na Itália, onde permaneceu até o fim na condição de ídolo. Jogou ainda por Roma, Parma, Bolonha e Fiorentina. Em 2005-06 disputou sua última temporada no futebol, pelo Bolton Wanderers, da Inglaterra.

Cenário atual

O grande desafio atual é manter um crescente e contínuo interesse pelo futebol, especialmente entre os jovens. São 54 clubes atuantes nas três divisões da J-League. No beisebol, por exemplo, o número não sai de 12 na liga principal. Abaixo desses 54 times da J1, J2 e J3, há muitos outros times, ainda amadores e de ligas menores, interessados em ingressar na J-League. Uma das soluções para que o futebol recupere plenamente a condição de referência para as crianças e os jovens até 20 anos é a manutenção dos grandes jogadores revelados no Japão e que se espalham pelo mundo. Um maior vigor econômico do país pode reverter esse cenário. Mas uma das características mais positivas em relação às demais ligas do mundo é a presença marcante de mulheres e crianças nos estádios. Isso se explica pela segurança que se encontra ao assistir os jogos. Segurança pública, aliás, é uma característica da sociedade japonesa.

Uma das coisas curiosas que temos aqui é o que chamamos de "Jogo Gourmet". Faz parte das atrações dos jogos a alimentação em torno do estádio. São servidos pratos típicos e regionais, hambúrgueres e outros tipos de fast food, o que atrai muitas famílias para um dia de lazer que vai além do jogo. Também são servidos pratos inspirados nas preferências dos jogadores e treinadores, que agradam muito a torcida. Há também pratos mais esquisitos, com nomes estranhos em homenagem ao time visitante, numa brincadeira de "vamos comer o adversário".

MULHERES E CRIANÇAS TÊM PRESENÇA MARCANTE NOS ESTÁDIOS JAPONESES, POIS A SEGURANÇA PÚBLICA É CULTURAL NA SOCIEDADE

Há 20 anos, era possível assistir aos jogos em qualquer emissora de televisão. Hoje só se pode assistir pela TV a cabo e no sistema *pay per view*. A diminuição da visibilidade do futebol na TV aberta, não há como negar, atrapalha a popularidade do esporte no país. A tendência é que isso melhore, a partir do próximo ano, quando a J-League passará os direitos de transmissão dos jogos para a empresa DAZN, da Inglaterra. Os japoneses poderão assistir aos jogos por qualquer computador, ou smartphone, com um custo muito mais baixo do que o atual. É a maior tentativa de fixar os jovens, que não desgrudam de seus celulares, no futebol.

São muito desafios impostos ao jovem futebol japonês. Entretanto, há muitas oportunidades para que se enraíze mais ainda na sociedade japonesa. A Olimpíada de Tóquio, em 2020, é vista como uma delas pela mobilização em torno da seleção japonesa. Eu, como jornalista especializado em futebol, gostaria de promover ainda mais nosso esporte, propondo novas atrações e divulgando a cultura e o futebol de nossas diferentes regiões.

TEMPERO BRASILEIRO

O futebol japonês, ou *sakkã* (derivado da palavra em inglês "soccer"), desde seu início sofreu grande influência brasileira, com alguns pioneiros alavancando o futebol por lá

por Ricardo Corrêa, de Kobe (Japão)

Bandeira do Brasil é icônica entre os torcedores japoneses

Em dezembro de 1992 percorri várias cidades japonesas para descobrir o estágio do futebol no país que poucos meses depois iniciaria sua primeira liga profissional, a J-League. Um dos nossos anfitriões ali foi ninguém menos que Zico, que estava no país desde 1991, jogando futebol aos 40 anos de idade. O Galinho nos levou para conhecer o novo estádio do Kashima Antlers, seu clube, que seria inaugurado para a disputa da liga profissional. Tudo perfeito, em tempo recorde, mas alguns detalhes divertiam Zico, que nos contou que ele mesmo teve que trazer do Brasil as redes das traves, para colocar no campo, já que não era fácil comprar o item no Japão.

Nas nossas andanças vimos outro brasileiro pioneiro, Ruy Ramos, um carioca que no Brasil jogava na várzea paulistana. Em 1977, Ramos foi convidado a jogar no Japão, por influência de um amigo que trabalhava no país. Ramos se consagrou, transformando-se em estrela. Naturalizado japonês, serviu a seleção do país em 32 jogos.

Encontrei um brasileiro menos conhecido por aqui, o nissei Sergio Etigo, ex-companheiro de Rivelino nos aspirantes do Corinthians. Segundo Rivelino, foi Etigo quem lhe ensinou o drible elástico, que Riva consagrou. No Japão, propagou o esporte entre as crianças. O brasileiro percorreu o país, a partir de 1980, fazendo clínicas de futebol em escolas, principalmente.

A partir de 1993, outros brasileiros se consagraram no Japão. Entre eles o lateral Leonardo, ex-Flamengo e PSG, que substituiu Zico no Kashima Antlers. No mesmo clube, outro ex-flamenguista foi destaque, o atacante Alcindo. O capitão do tetra, Dunga, também teve grandes temporadas pelo Jubilo Iwata, entre 1995 e 1998. Foi o Brasil que ajudou a construir o maior ídolo de todos os tempos do futebol japonês: o atacante Kazu, que chegou ao Brasil aos 15 anos de idade para se aperfeiçoar. Atuou pelo XV de Jaú, Santos e Coritiba. Voltou ao Japão para a disputa da J-League e jogou na Europa pelo Gênova-ITA e Dínamo Zagreb. Kazu é o jogador mais velho em atividade no futebol mundial. Aos 50 anos, atua na segunda divisão japonesa, pelo Yokohama F.C.

Em maio deste ano, 25 anos depois, novamente assisti a uma partida de futebol entre clubes japoneses ao visitar a cidade de Kobe. Acompanhei um jogo válido pela Levain Cup, uma espécie de Copa do Brasil, entre Vissel Kobe e Ventforet Kofu. O Kobe, treinado por Nelsinho Batista, com 15 anos de experiência por lá, entre idas e vindas, ganhou por 2 a 1. Jogou com o time reserva, sem estrangeiros e com muitos jovens aspirantes. A torcida era pequena, mas os rituais dos jogos lembram muito o padrão europeu e da Fifa para a entrada dos times e procedimentos pré-jogo. A torcida não mudou seu comportamento desde que estive lá, em 1992. Muito respeito aos adversários, ao local (não sujam e o que sujam, recolhem) e aos jogadores. Em determinado momento, os torcedores da casa aplaudem os torcedores do time visitante. Os 22 jogadores reverenciam a torcida antes e depois das partidas. No mais é festa – uma bandeira do Brasil tremula entre os torcedores organizados. São três brasileiros no Vissel Kobe: o volante Nilton (desde 2016), ex-Internacional, e os atacantes Wescley

(2017), ex-Atlético Mineiro, e Leandro, que no Brasil jogou no São Paulo F.C., em 2005, em sua segunda passagem pelo Vissel.

Nilton viu o Japão como uma grande chance na carreira, já que em dezembro de 2015 recebeu uma suspensão de cinco meses por doping. Segundo o volante, financeiramente ainda compensa muito. E completa: "Ter Nelsinho como técnico facilitou muito minha decisão. Não pensei duas vezes". Segundo Nilton, o jogador japonês é muito disciplinado taticamente e a velocidade ainda é a característica mais contrastante em relação ao Brasil. "É um futebol muito corrido. No Brasil eu percorria 9 km por jogo, aqui passa fácil de 10,5 km", afirma. O jogador ainda estranha a torcida, mas para o bem. Diz que se impressiona pelo respeito e muitas vezes pelo silêncio no estádio. "Às vezes, nem parece que estamos num jogo. Os torcedores respeitam demais os adversários e zelam pela paz dentro do estádio", explica.

Outro brasileiro que está se adaptando ao futebol japonês é o atacante Leandro, ex-Palmeiras e Coritiba, que desde janeiro atua pelo Kashima Antlers, onde ficará por empréstimo até dezembro de 2017. Leandro confessa que não conhecia bem o futebol japonês, e o pouco que sabia era justamente sobre o Kashima, por causa de sua admiração por Zico. Ele compartilha a opinião de Nilton sobre a velocidade do futebol, o que ele acha que o favorece. "Eu recebo e toco rápido a bola", diz. Para Leandro, seu clube tem boa infraestrutura. "Não é ainda como no Brasil, onde tem uma estrutura muito profissional. Aqui temos um CT com bons equipamentos, mas antigos, se comparados aos que usamos no Brasil", afirma o atacante.

O Japão já não atrai brasileiros no auge de suas carreiras. Não é mais o eldorado – os salários são bons, mas não se comparam aos da Europa e principalmente na nova fronteira do Oriente, o futebol chinês.

Brasileiros que marcaram o nome na J-League

JOGADOR	POSIÇÃO	EX-CLUBE NO BRASIL	PERÍODO
Lucas	Atacante	Atlético-PR	2004-2013
Edmílson	Atacante	Palmeiras	2004-2016
Bebeto	Atacante	Vasco, Flamengo	2000
França	Atacante	São Paulo	2005-2010
Hulk	Atacante	Vitória	2007-2008
Zico	Meia	Flamengo	1991-1994
Zinho	Meia	Flamengo, Palmeiras	1995-1997
Leandro Domingues	Meia	Vitória	2010-2017
Jorge Wagner	Meia	Bahia, Inter	2011-2014
Danilo	Meia	Goiás, São Paulo	2007-2009
Robson Ponte	Atacante	Guarani	2005-2010
Bismarck	Atacante	Vasco	1993-2003
Marques	Atacante	Corinthians	2003-2007
Oséas	Atacante	Atlético-PR	2002-2004
Magrão	Atacante	Palmeiras	1996-2004
Rodrigo Gral	Atacante	Grêmio	2002-2006
Dutra	Lateral esq.	Santos, Sport	2001-2006
Edmundo	Atacante	Vasco, Palmeiras	2001-2003
Dunga	Volante	Inter	1995-1998
Edilson	Atacante	Palmeiras, Corinthians	1993-2006
Mazinho Oliveira	Meia	Bragantino	1995-2000
Válber	Meia	Corinthians, Palmeiras	1994-1997
Jorginho	Lateral dir.	Flamengo	1995-1998
Leonardo	Lateral esq.	Flamengo, São Paulo	1994-1996
César Sampaio	Volante	Santos, Palmeiras	1995-2004
Evair	Atacante	Palmeiras	1995-1996
Alcindo	Atacante	Flamengo	1993-1997
Betinho	Atacante	Palmeiras, Cruzeiro	1993-1998
Toninho	Zagueiro	Palmeiras	1993-1997

Artilheiros

JOGADOR	EX-CLUBE NO BRASIL	NO JAPÃO	TEMPORADA
Will	Atlético-PR	Consodale Sapporo	2001
Uéslei	Bahia	Nagoya Grampus	2003
Emerson Sheik	Flamengo	Urawa Reds	2004
Araújo	Goiás	Gamba Osaka	2005
Washington	Atlético-PR	Urawa Reds	2006
Magno Alves	Fluminense	Gamba Osaka	2006
Juninho	Palmeiras	Kawasaki Frontale	2007
Marquinhos	Coritiba	Kashima Antlers	2008
Leandro	São Paulo	Vissel Kobe	2016

Técnicos de destaque

NELSINHO BAPTISTA
Verdy Kawasaki (95-96), Nagoya Grampus (03-05), Kashiwa Reysol (09-14) e Vissel Kobe (desde 15)
Títulos: Japonês (11), 2ª divisão japonesa (10) e Copa do Japão (12)

PÉRICLES CHAMUSCA
Oita Trinita (05-09) e Jubilo Iwata (14)
Título: Japonês (08)

OSWALDO DE OLIVEIRA
Kashima Antlers (07-11)
Títulos: Japonês (07, 08 e 09), Copa do Japão (07 e 10)

TONINHO CEREZO
Kashima Antlers (00-05 e 13-15) e Albirex Niigata (desde 17)
Títulos: Japonês (00 e 01) e Copa do Japão (00 e 02)

EMERSON LEÃO
Shimizu S-Pulse (92-94), Verdy Kawasaki (96) e Vissel Kobe (05)
Título: Copa do Japão (96)

ZICO
Kashima Antlers (99) e seleção japonesa (02-06)

Nilton, volante do Vissel Kobe

Zico: maior ídolo brasileiro no Japão

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Gareth Bale, do Real Madrid, avança pelo tapete do Millennium Stadium, em Cardiff

© GETTY IMAGES

CARDIFF QUEM?

Ser a cidade sede da final da Champions League se tornou um negócio lucrativo. A pequena (e desconhecida) capital do País de Gales foi a escolhida deste ano. Em 2018, será a vez de Kiev, na Ucrânia. Afinal, quem decide o local do evento – e baseado em quê?

por Cláudia de Castro Lima, de Cardiff (País de Gales)

Não se engane pelo título de "capital do País de Gales". Cardiff, localizada a cerca de duas horas e meia de carro ou trem de Londres e banhada pelo Canal de Bristol, é uma cidade pequena, de 340 000 habitantes orgulhosos de seus mais de 330 parques e jardins – o que rende ao município a alcunha de "o mais verde do Reino Unido". Sua principal atração turística é o Castelo de Cardiff, uma construção medieval erigida sobre um antigo forte romano.

No último dia 3 de junho, a pacata localidade amanheceu agitada. Antes do meio-dia, uma multidão começou a ocupar a área da baía de Cardiff, o velho porto reformado, onde hoje há vários restaurantes, cafés e lojas. Com as caras pintadas, usando camisas de times, as pessoas bebiam cerveja e cantavam. No fim da tarde, estavam não só lá, como em todo o entorno do Millennium Stadium. No total, foram 170 000 visitantes, ou metade da população local. Todos atraídos por um único evento: a final da Champions League, disputada entre Juventus e Real Madrid (e vencida por 4 a 1 pela equipe de Cristiano Ronaldo e Zinedine Zidane).

A escolha de Cardiff como cidade-sede do evento havia sido tomada dois anos antes, em Praga, na República Tcheca, após uma reunião do comitê executivo da Uefa (União das Federações Europeias de Futebol), composto por 17 homens e uma mulher – um deles era o ex-jogador Michel Platini, então presidente da Uefa, que, acusado de corrupção, foi suspenso em 2016 de qualquer atividade ligada ao futebol por quatro anos.

Processo trabalhoso

Todo fim de ano a Uefa dá início ao processo para a escolha da cidade que vai sediar seus eventos esportivos três anos depois, como a final da Champions, a da Women's Champions e a Liga Europa. A instituição envia mensagens a todas as associações-membro convidando-as a participar. A partir deste ano, as postulantes passaram a ter até o fim de janeiro para mandar uma "declaração de interesse". O comitê executivo é rápido: já no começo de fevereiro decide quais delas estão aptas a seguir adiante. Elas devem enviar então representantes para participar de um workshop na sede da Uefa, na cidade suíça de Nyon – lá, são explicados e discutidos os requisitos obrigatórios de uma cidade-sede. Entre eles, uma rede hoteleira que disponha de pelo menos 5 000 quartos, um estádio com boa infraestrutura, espaço suficiente perto dele para a hospitalidade do evento e fácil acesso por via aérea.

As organizações, a partir daí, preparam um dossiê provando que preenchem todos eles: o documento tem dia (para os eventos de 2019, a data era 5 de junho) e até horário (18h do CET, ou horário da Europa Central) para ser enviado. Visitas técnicas e outras reuniões podem ser marcadas pela Uefa nesse período. Por fim, os 17 executivos se reúnem e, com base nas análises dos dossiês e nas visitas, batem o martelo.

Este ano, o anúncio da sede da final da Champions de 2019 vai ser em setembro. Apenas duas associações entregaram os dossiês no prazo: a do Azerbaijão, para o Olympic Stadium em Baku, e a da Espanha, para o Estádio Metropolitano de Madri, nova casa do Atlético. A cidade-sede da final do ano que vem foi revelada recentemente: é Kiev, na Ucrânia.

Entre os passos do processo da Uefa, muito lobby está envolvido entre as concorrentes. No caso de Cardiff, o trabalho começou muitos anos antes – e o sucesso foi atribuído ao diretor-executivo da Federação Galesa de Futebol (FAW), o ambicioso Jonathan Ford. Em um país sem tradição futebolística e mais acostumado a sediar partidas de rúgbi e golfe e lutas de boxe, o executivo percebeu o potencial que um evento de futebol poderia trazer e contratou Alan Hamer, que havia ajudado o país a receber o primeiro mundial de críquete. Os dois elaboraram um plano detalhado para convencer a Uefa de que o País de Gales seria capaz de organizar uma final da Champions também. Trabalharam duro com parceiros locais, com o governo do País de Gales e com os proprietários dos hotéis. A FAW chegou a assinar um acordo com o Aeroporto de Bristol para facilitar o acesso dos torcedores que chegassem para o evento por lá. Certa vez, ao receber Platini, Ford soube de sua aversão por recepções grandiosas e, em vez de chamá-lo para um jantar com toda a pompa, levou o então presidente da Uefa para um sim-

O centro da cidade de Cardiff: invasão de torcedores e turistas em torno da final da Champions League

©GETTY IMAGES

pático e charmoso café.

Por que, afinal, era tão importante para o País de Gales receber a final da Champions? Ou, numa época em que várias cidades e países desistem de sediar eventos como a Olimpíada, por que a Champions ainda atrai?

Impactos

Uma série de cidades retirou entre o ano passado e este sua candidatura aos Jogos Olímpicos de 2024 – entre elas, Boston, Hamburgo, Budapeste e Roma. "No geral, as cidades tendem a perder dinheiro em megaeventos como Copa do Mundo e Olimpíada. É uma questão de quanto dinheiro vai ser perdido, e não se ela vai ou não perder", diz Allen Sanderson, professor da Universidade de Chicago e uma autoridade em economia do esporte.

As razões, segundo ele, são várias: "A cidade disputa com outras pelo direito de ser a sede. E candidata-se contra um monopolista (ou um fornecedor monopolista), a Fifa ou o COI, por exemplo", diz, referindo-se à Federação Internacional de Futebol e ao Comitê Olímpico Internacional. "A forma de se 'vencer' a candidatura é comprometendo-se mais do que os outros postulantes. Além disso, a monopolista pode extrair qualquer benefício, forçando a cidade a cada vez mais gastar dinheiro – afinal, Fifa e COI não são instituições de caridade. A ameaça do terrorismo no século 21 também aumentou consideravelmente os custos. O dinheiro gasto para essa curta 'festa' poderia estar sendo empregado de forma mais inteligente em investimentos públicos de longo prazo", afirma Sanderson, um dos envolvidos na retirada da candidatura de Boston aos Jogos de 2024. "Não me surpreenderia em ver a Olimpíada, nessa grande escala padrão, chegar ao fim em um futuro próximo. Então os esportes individuais receberão

Foram 170 000 visitantes em Cardiff, ou metade da população local. A final da Champions gerou ao menos 45 milhões de libras ao País de Gales

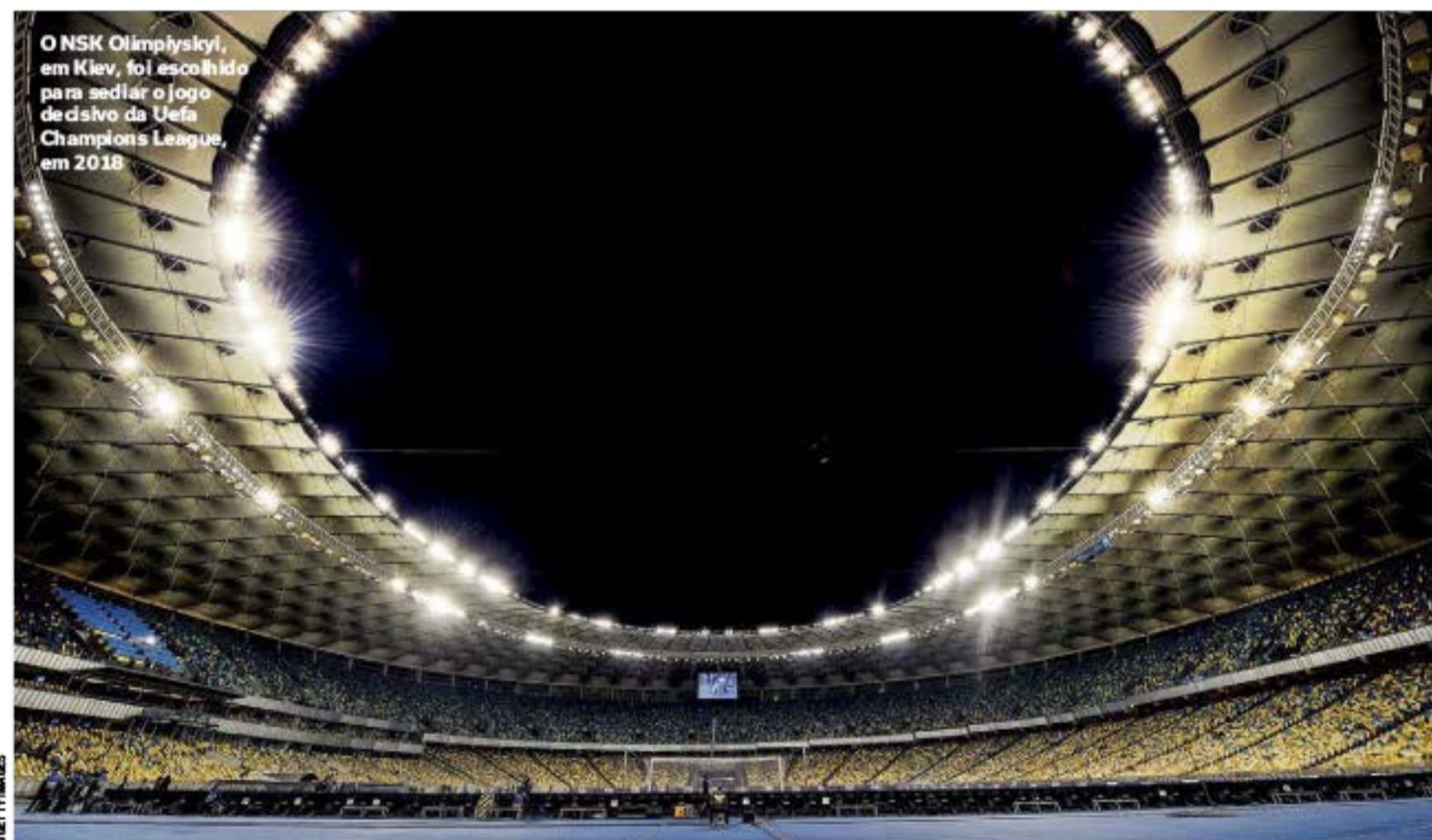
seus próprios campeonatos em uma escala muito menor", diz o professor. É aí que está a vantagem de um evento como a final da Champions League.

"A cidade-sede de um evento como este tem ampla exposição midiática ao longo de vários meses, com a vantagem de ter um custo relativamente baixo para ela", afirma Fernando Trevisan, diretor e coordenador do MBA de Gestão do Esporte da Trevisan Faculdade de Negócios, de São Paulo. Segundo ele, um dos maiores ganhos é a exposição: os olhos do mundo são atraídos para a cidade – a estimativa é de que a partida tenha sido assistida por 200 milhões de pessoas em 200 países.

"Essas pessoas todas agora conhecem Cardiff – se não tivéssemos sediado o evento, isso não aconteceria. Ele foi um grande sucesso", diz Alan Hamer, diretor de projetos da FAW. "Sem dúvida, melhorou positivamente o perfil da Associação de Futebol de Gales, de Cardiff e do País de Gales para uma audiência global e deve levar mais gente a acompanhar futebol internamente." Do ponto de vista financeiro, a estimativa é que a final tenha gerado 45 milhões de libras para o País de Gales, sem contar o ganho com a exposição de mídia. "Na sequência do sucesso do País de Gales na Euro 2016 (quando chegou à semifinal, liderado por Gareth Bale), o futebol aqui nunca esteve tão em alta. Esperamos que agora muito mais pessoas possam jogar, treinar ou apitar os jogos. De uma perspectiva futebolística, o real impacto de sediar a final da Champions League só poderá ser medido em alguns anos."

Os desafios existiram, claro. "O tamanho da cidade era um, mas nós o contornamos", diz Hamer. "Cardiff tem apenas 6 000 quartos de hotéis, mas é conectada a outros grandes municípios britânicos. Nós também providenciamos serviços de trens rápidos e regulares, além de linhas de ônibus, para transportar 30 000 pessoas para Bristol e Londres em pouco tempo. "Não posso comentar sobre a Olimpíada e a Copa do Mundo da Fifa, mas eu imagino que a questão financeira seja o maior entrave para esses megaeventos que requerem muita infraestrutura. A final da Champions League também requer, mas Cardiff já tinha dois estádios muito bons disponíveis. Os benefícios econômicos são consideráveis e estou certo de que a cidade gostaria de repetir a experiência."

Os desafios também existem para os patrocinadores: a Champions tem oito, que pagam 70 milhões de dólares por ano para ligar-se ao evento. Em Cardiff, a pequena rede hoteleira foi um problema. Sem ter onde hospedar seus 820 convidados, a Nissan, um dos patrocinadores, fretou um navio de cruzeiro e o ancorou na baía de Cardiff. "Essas dificuldades são mínimas perto dos benefícios", afirma Gerhard Fourie, gerente geral de patrocínios globais da empresa. "Um evento como esse é importante para nos aproximarmos dos nossos clientes. Por isso, qualquer que seja a cidade que a Uefa escolher, nós vamos."

O NSK Olimpiyskyi, em Kiev, foi escolhido para sediar o jogo decisivo da Uefa Champions League, em 2018

DSC_0024

DSC_0025

DSC_0028

DSC_0029

DSC_0032

DSC_0033

A ÚLTIMA GLÓRIA

DSC_0026

DSC_0027

DSC_0030

DSC_0031

DSC_0034

DSC_0035

Uma homenagem aos 15 anos do pentacampeonato do Brasil, em 2002, no Japão e na Coreia, com sequências de fotos originais, inéditas e sem edição, de alguns grandes momentos, como o gol de Ronaldo contra a Turquia (foto 24) – o primeiro da seleção na competição

fotos Ricardo Corrêa

FOTO_01

FOTO_02

FOTO_05

FOTO_06

FOTO_09

FOTO_10

Nestas páginas, as fotos originais que foram transmitidas para a redação após a partida contra a Bélgica, talvez o jogo mais duro que o Brasil enfrentou. No jogo brilharam Rivaldo, Ronaldo e o goleiro Marcos, que realizou grandes defesas

FOTO_03

FOTO_04

FOTO_07

FOTO_08

FOTO_11

FOTO_12

DSC_0035 DSC_0036 DSC_0037

DSC_0041 DSC_0042 DSC_0043

DSC_0047 DSC_0048 DSC_0049

DSC_0053 DSC_0054 DSC_0055

Brasil x Inglaterra foi um dos jogões da Copa. Ronaldinho foi o protagonista da partida. Pedalou na frente da zaga inglesa (foto 37), deixando a bola redondinha para o gol de empate de Rivaldo. Depois marcou o gol da vitória, num lance de falta improvável

DSC_0038 DSC_0039 DSC_0040

DSC_0044 DSC_0045 DSC_0046

DSC_0050 DSC_0051 DSC_0052

DSC_0056 DSC_0057 DSC_0058

DSC_0122

DSC_0123

DSC_0126

DSC_0127

DSC_0130

DSC_0131

Ronaldo divide a bola na entrada da área alemã e toca para Rivaldo (que não aparece na sequência) chutar ao gol. Enquanto Ronaldo se livra de seu marcador, Oliver Khan rebate a bola chutada por Rivaldo e de bico, no rebote, o Fenômeno marca o primeiro gol brasileiro e abre o caminho para o penta

DSC0124

DSC_0125

DSC_0128

DSC_0129

DSC_0132

DSC_0133

© SPORTING HEROES

MUITO ALÉM DO SARRIÁ

A trágica derrota do Brasil para a Itália, em 1982, acabou por ofuscar uma Copa repleta de eventos memoráveis com heróis, bandidos e muita história boa para contar

por Estevam Pereira

Na memória coletiva dos brasileiros, a Copa de 1982, na Espanha, se resume a um único jogo: Itália 3 x 2 Brasil, no Estádio Sarriá, em Barcelona. Lembramos (dá um Google quem não se lembra ou não conhece) do primeiro gol italiano. O desgraçado Paolo Rossi está fora da área, entre Luisinho e Júnior, quando o lateral esquerdo Cabrini, observado à distância por Leandro, faz o lançamento que termina no gol de cabeça do maldito. Na sequência, o atacante Serginho, leão no clube e gatinho na seleção, perde, sozinho dentro da área, um gol feito. O empate surge de uma jogada na qual Zico se livra da marcação com um toque de calcanhar e enfia para Sócrates chutar entre a trave e o goleiro Zoff, de 40 anos. O segundo gol italiano sai quando Cerezo faz o impensável: cruza a bola displicentemente na frente da área para ninguém. O detestável Paolo Rossi intercepta o passe, passa por Júnior, que dá um bote no vazio, e chuta sem defesa para Waldir Perez, goleiro inseguro depois de ter tomado um frango no jogo de estreia, contra a União Soviética. O novo empate brasileiro vem num bonito chute de Falcão quase na linha da grande área. Ele se aproveita de uma defesa italiana se abrindo (algo raro), iludida pela movimentação dos brasileiros. O gol da vitória italiana acontece em um escanteio. Depois de Sócrates disputar a bola na entrada da grande área, a defesa brasileira sai para deixar os italianos em impedimento. Todos saem, exceto Júnior. A bola sobra na pequena área para o amaldiçoado Paolo Rossi, que empurra para as redes, enquanto o lateral brasileiro levanta a mão pedindo o fora de jogo do abominável italiano.

O jornalista Jonathan Wilson, em seu livro *Inverting the Pyramid* (Invertendo a Pirâmide), sobre a evolução dos esquemas táticos, pondera que o Brasil x Itália de 1982 deve ter sido o maior jogo das Copas e trata o confronto como um divisor de águas do futebol: "Foi o dia em que uma certa ingenuidade no futebol morreu. O dia depois do qual não se podia mais simplesmente escolher os melhores jogadores e ir em frente. Foi o dia em que o esquema tático venceu".

O bendito Paolo Rossi

No dia 23 de março de 1980, a Itália assistiu a uma rodada eletrizante. Uma operação sincronizada dos *carabinieri* prendeu 11 jogadores em seis cidades durante o intervalo dos jogos do campeonato italiano. Entre os atletas convocados a depor, encontrava-se o *bambino d'oro* Paulo Rossi.

Jogadores, dirigentes e clubes tinham sido corrompidos pelo Totonero, o sistema ilegal de apostas que floresceu à sombra da loteria esportiva da Itália, o Totocalcio. Controlado pela Camorra, estima-se que o negócio chegou a movimentar o equivalente a dois terços da loteria oficial.

A acusação que pesava sobre o jogador era frágil. Paolo Rossi teria recebido o equivalente à insignificante soma de 20 000 reais para que a partida do Perugia, seu time, contra o Avellino terminasse empatada com gols. O jogo acabou com um 2 x 2, tendo o atacante marcado duas vezes. Apesar das poucas evidências e da alegação de inocência, Paolo Rossi foi suspenso por dois anos. "Sou inocente, mas passo a ser um ex-jogador desonrado", lamentou.

A pena do jogador se encerrou em abril de 1982. Depois de 730 dias sem disputar uma partida oficial, Paolo Rossi voltou a campo com a camisa da Juventus certo de que havia perdido o Mundial, com início em 13 de junho. Além da inatividade, a concorrência era

forte, pois havia o atacante Roberto Pruzzo, da Roma, duas vezes artilheiro do campeonato italiano e uma vez da Copa da Itália.

O técnico da Azzurra, Enzo Bearzot, refletiu se a convocação de um jogador condenado pela Justiça envolvia uma questão moral. Sem contar a concorrência do matador Pruzzo, também havia o fato de Paolo Rossi ter disputado apenas três partidas. E, apesar do gol marcado contra a Udinese, o jogador mostrava uma forma precária. Mas o "mister" contrariou o senso comum: convocou Paolo Rossi e deixou Pruzzo fora do Mundial. Bearzot foi duramente criticado pela decisão.

Quando a bola rolou na Espanha, parecia que a razão estava do lado dos críticos. A esquadra italiana e Paolo Rossi, em especial, jogavam como mortos-vivos na primeira fase: três empates (Polônia 0 x 0; Peru 1 x 1; Camarões 1 x 1). Apesar da sofrida classificação para a segunda fase, o desempenho decepcionante fez com que a dramática imprensa italiana declarasse guerra a Bearzot e aos jogadores. Chegaram até mesmo a insinuar que Paolo Rossi e Cabrini desfrutavam de uma relação homoafetiva depois que os dois apareceram sem camisa na varanda do hotel.

Muitos consideravam que a Copa começava na segunda fase, sem as seleções "exóticas" como Camarões, Kuwait e El Salvador (que tomou de 10 x 1 da Hungria, estabelecendo a maior goleada da história das copas). Como o Mundial de 82 foi o primeiro disputado com 24 equipes – o anterior reunira 16 times –, a Fifa dividiu os classificados em chaves de três seleções, em que uma se classificava.

O destino colocou no mesmo grupo três campeões mundiais: Brasil, Argentina e Itália, com todos os jogos sendo disputados no estádio do clube Espanyol, o Sarriá, em Barcelona. Como esse campo oferecia 44 000 lugares e o Camp Nou, 120 000, a Fifa considerou a possibilidade de inverter os estádios. A Bélgica protestou e a sorte seria mesmo jogada no Sarriá.

O pau comeu no jogo Itália 2 x 1 Argentina, com o argentino Gallego sendo expulso e cinco jogadores (Itália 2 x 3 Argentina) recebendo o cartão amarelo. A dureza da disputa reviveu a Azzura, mas a ressurreição de Paolo Rossi só viria contra o Brasil.

O primeiro gol de Rossi no Mundial marcou o início da tragédia do esquadrão de Zico, Sócrates e Falcão. Fazia três anos que o atacante italiano não marcava pela Itália. A última vez fora em 13 de julho de 1979, na partida Iugoslávia 4 x 1 Itália. O *ciao* da seleção brasileira se tornou a partida da vida de Paolo Rossi, tanto que o título de sua biografia é *Ho fato piangere il Brasile* (Fiz o Brasil chorar).

A partir de então, Paolo Rossi se converteu na Ferrari que levaria a Azzurra ao título. O atacante marcou duas vezes na vitória de 2 x 0 contra a Polônia e uma vez na final (Itália 3 x 1 Alemanha). Assim, tornou-se o artilheiro e o melhor jogador daquela Copa. Dos seus seis gols, cinco foram com um único toque na bola.

Paulo Rossi protagonizou, assim, uma das mais belas trajetórias de um jogador num Mundial. Saiu da condição de maldito para a de abençoado.

A Vergonha de Gijón

A Alemanha de 1982 é, provavelmente, a seleção mais pusilânime que já disputou um Mundial. Antes da estreia, o técnico Jupp Derwall fez declarações arrogantes sobre o primeiro adversário: "Somos tão fortes que venceremos sem qualquer problema. Se perdermos, irei para casa no próximo avião" e "Não devemos nos preocupar com a classe dos jogadores da Argélia". Derwall não cumpriu o prometido depois de conhecer a classe dos argelinos Madjer e Belloumi, que marcaram e derrotaram a Alemanha num inesperado 2 a 0.

Depois de uma derrota para a Áustria (0 x 2), a Argélia venceu o Chile (3 x 2) na última rodada, ficando à frente da Alemanha, que também havia vencido o saco de pancadas sul-americano (4 x 1). O problema é que, até aquele Mundial, as partidas da rodada final dos grupos eram disputadas em dias diferentes, e os argelinos jogaram primeiro. No dia seguinte, ao entrar em campo para enfrentar o país amigo Áustria, a Alemanha sabia que uma vitória simples classificaria os dois times.

Havia a desconfiança se alemães e austríacos honrariam o futebol e disputariam o jogo competitivamente. As dúvidas se dissiparam aos 10 minutos do primeiro tempo, quando o grandalhão Hrubesch fez 1 x 0 para a Alemanha. A partir dali, as equipes renunciaram ao jogo e assumiram uma postura de passividade absoluta. Não disputavam a bola, não combatiam o adversário, não

ALEMANHA E ÁUSTRIA FIZERAM O JOGO DE COMADRES

©RONALDO KOTSHO

Platini: marcou o seu contra os alemães na semifinal, mas não foi o suficiente

O sheik Al-Sabah invade o campo e exige a anulação do gol francês contra o Kuwait

chutavam a gol. Sentindo-se enganados, os 41 000 aficionados presentes no estádio El Molinón, em Gijón, começaram a protestar gritando: "Argélia", "fora", "que se beijem", "tongo (armação)". Até mesmo um alemão indignado queimou uma bandeira do seu país na arquibancada. Torcedores com bandeiras da Argélia tentaram invadir o gramado, mas foram contidos pela polícia.

Depois da vergonhosa exibição, o ônibus da delegação alemã foi seguido por centenas de torcedores enraivecidos e recebido no hotel Príncipe de Astúrias com uma chuva de ovos e tomates. Em resposta, o goleiro alemão Schumacher atirou cubos de gelo, sacos de lixo e o que tivesse na mão da janela do seu quarto.

O técnico francês Michel Hidalgo lançou a candidatura dos dois times para o Prêmio Nobel da Paz. O diário alemão *Bild* declarou que era melhor "sair do campeonato jogando uma boa partida que passar à segunda fase com semelhante vergonha". E o jornal espanhol *El Comercio* publicou a resenha do jogo na editoria de polícia.

Derwall rebateu cinicamente as críticas dizendo se tratar de "graves insultos". Já o colega Georg Schmidt, técnico austríaco, admitiu que o jogo foi uma "exibição vergonhosa". "Não podíamos fazer outra partida, jogamos como devíamos", declarou o meia Stielike, conhecido como Tanque. O craque Franz Beckenbauer, que acompanhou a Copa como comentarista, sentenciou: "Pior partida já jogada pela seleção alemã. Isso fez grande estrago no prestígio do nosso futebol. Você poderia chamar isso de jogo? Mas entendo os técnicos". Anos depois, o zagueiro alemão Briegel se mostrou tardiamente arrependido: "Só me resta desculpar-me diante dos argelinos, que mereciam ter se classificado".

O único jogador que parecia excluído do pacto de não agressão era o atacante austríaco Walter Schachner. Ele não entendia por que seu colega de ataque Krannkel tinha passado a jogar de líbero e por que seu marcador Briegel falava para ele não correr tanto. Devido a sua insistência, seus companheiros simplesmente deixaram de lhe passar a bola. "Fui o único a não entender o que estava acontecendo", recordou Schachner. "Eu estava desesperado".

A repercussão, como não poderia deixar de ser, foi enorme. Os espanhóis batizaram o jogo como *La estafa de Gijón* (A fraude de Gijón), os torcedores alemães e austríacos envergonhados o chamaram de *Nichtangriffspakt von Gijón* (O pacto de não agressão de Gijón), os argelinos de *Anschluss*, em uma referência à ocupação e anexação da Áustria pela Alemanha nazista em 1938. Para o resto do mundo, Alemanha 1 x 0 Áustria é, até hoje, a Vergonha de Gijón.

(Nota: depois da Vergonha de Gijón, a Fifa estabeleceu que os jogos da última rodada de cada grupo passassem a ocorrer no mesmo dia e horário.)

O xeque do sheik

Depois de estrear na Copa com uma derrota de 3 x 1 para a Inglaterra, a França enfrentou o Kuwait com a obrigação de vencer. A cabeça dos franceses já estava quente por causa da rivalidade entre o meia Larios e o camisa 10 Michel Platini, ambos colegas no Saint-Étienne, campeão francês 1980-1981. De acordo com a imprensa francesa, o problema se chamava Christelle. A mulher de Platini teria tido um *affaire* com Larios, ou teria sido cortejada por ele, e os *bleus* fecharam o grupo com o capitão. Restou a Larios, sem amigos, sem Christelle, abandonar o time às vésperas da partida contra os kuwaitianos.

Uma vez resolvida a questão que perturbava a cabeça de Platini, a França pôde se concentrar no seu jogo decisivo. Os kuwatianos não ofereceram grande resistência aos franceses. Mas o sheik, sim.

Os franceses venciam por 3 x 1 quando, aos 34 minutos do segundo tempo, Giresse anotou mais um tento. Mas os adversários alegaram ter ficado parados na jogada depois de ouvirem um apito vindo das arquibancadas. Inconformados com a decisão do juiz soviético Miroslav Stupar de validar o gol, os jogadores kuwaitianos se recusaram a continuar a partida e se dirigiram até a beira do gramado. Na tribuna de honra, estava o sheik Fahad Al-Ahmed Al-Jaber Al-Sabah, irmão do emir do Kuwait, presidente da federação de futebol e fundador do comitê olímpico do país. Falando árabe e fazendo gestos, Al-Sabah deixou sua cadeira, entrou no gramado cercado por fotógrafos, seguranças e policiais e palestrou com árbitro. A conversa deve ter sido boa, pois o gol foi anulado. Agora, eram os jogadores franceses que reclamavam. A polícia que protegeu o sheik passou a empurrar Michel Hidalgo para fora do campo.

O camarada Stupar foi suspenso e o sheik, que havia dado um xeque na Fifa ao comparar a entidade máxima do futebol com a máfia, recebeu uma multa de 25 000 francos suíços.

Valente para peitar adversários como a Fifa, Al-Sabah viria a morrer em 1990, na batalha do palácio Dasman, enfrentando os iraquianos que haviam invadido o Kuwait.

Sevilha, o Sarriá francês

Toda seleção tem o seu Sarriá. O da França aconteceu em Sevilha, na semifinal contra a Alemanha.

Talvez convulsionada pela questão Christelle, a seleção francesa havia feito uma primeira fase irregular: uma derrota (Inglaterra 3 x 1), uma vitória (Kuwait 1 x 4) e um empate (Tchecoslováquia 1 x 1). Mas, na segunda etapa da Copa, os *bleus* bateram a Áustria por 1 x 0 e a Irlanda do Norte por 4 x 1. E não apenas isso. Mostraram um jogo bonito. Segundo o periódico francês *L'Équipe*: "houve qualquer coisa de brasileira na virtuosidade coletiva dos franceses, no recital de passes e reviravoltas, no encantamento por vezes mágico do seu jogo". Ao fazer a comparação com o Brasil, o texto soa como um prenúncio do destino da seleção da França.

A Alemanha havia feito história na primeira fase ao perder para a surpreendente seleção da Argélia por 2 x 1 e manchar sua camisa na vitória sobre a Áustria por 1 x 0, naquela partida que ficou conhecida como a Vergonha de Gijón. Na segunda fase, tampouco impressionou ao empatar com a Inglaterra por 0 x 0 e vencer os espanhóis por 2 x 1. Além disso, o time parecia estar caindo aos pedaços.

Os jogadores alemães vinham de uma temporada estafante. O Hamburgo havia decidido e perdido a Copa da Uefa contra o IFK Göteborg e o Bayern jogara contra o Aston Villa pela Copa dos Campeões, vencida pelos ingleses. Agora, às vésperas da semifinal contra a França, Rummenigge era dúvida, pois estava com um estiramento muscular. Hansi Muller também estava lesionado, assim como Rienders, que se machucara jogando pingue-pongue no hotel. E uma infecção intestinal derrubara Fischer, Dremmler, Matthäus, Kaltz, Hannes e Briegel.

Essa era a situação das duas seleções que entraram em campo às 21h no estádio Sánchez Pizjuan, em Sevilha, para disputar aquele que muitos consideram o jogo do século.

Antes da partida, o presidente francês François Mitterand ligou para o técnico Michel Hidalgo com a finalidade de ressaltar que todo o país assistiria àquele confronto. França e Alemanha partilhavam um histórico de guerras, não apenas nos gramados. Naquele mesmo século, os dois países foram antagonistas na Primeira e na Segunda Guerra Mundial. E nenhum jogador estava mais belicoso que o goleiro alemão Schumacher.

Na segunda etapa, quando a partida

A FRANÇA TAMBÉM TEVE O SEU SARRIÁ NA NA COPA DA ESPANHA

estava 1 x 1, placar que perduraria no final do tempo regulamentar, Schumacher quase matou um adversário. O lateral Battiston, recebendo um passe de Platini, avançou rumo ao gol alemão acossado por Briegel. Mesmo depois de o francês ter chutado a bola, Schumacher continuou seu movimento de saída do gol, acertando violentamente o oponente com as cadeiras. Battiston caiu desacordado, com dois dentes quebrados e uma lesão na vértebra cervical (no vestiário, ainda teria que receber oxigênio). O goleiro alemão guardou distância. O árbitro holandês Charles Corver nem mesmo marcou falta. A infâmia prosseguiu depois quando, ainda no estádio, o alemão foi avisado que o francês havia perdido dois dentes. "Vou lhe pagar o implante", disse o agressor.

Schumacher se tornou então o Monstro de Sevilha. Passou a ser chamado de nazista nos jogos no exterior e de assassino nas partidas da Bundesliga. Nem mesmo a Fifa o poupou: "uma partida tornada infame pelo ataque impune de Harald Schumacher a Patrick Battiston, deixado inconsciente pelo goleiro da Alemanha enquanto perseguia uma bola".

Apesar da saída traumática de Battiston, a França retomou o comando das ações, um domínio que se estendeu de maneira avassaladora até o início da prorrogação, quando Tresor marcou aos 2 minutos e Giresse, aos 8. Os franceses acharam que tudo estava decidido com os 3 x 1. Os alemães, não. "Estou me guardando para a final. Só entrarei se a França estiver na frente", havia dito o lesionado Rummenigge. Pois ele entrou, marcou um gol e empurrou o time até conseguir o empate. Restavam os pênaltis.

Pela primeira vez um jogo de Copa do Mundo seria decidido nas penalidades máximas. Pela primeira vez a França poderia chegar à final de um Mundial. Bastava que Six convertesse a sua cobrança, a quarta do time francês, a seguinte ao chute de Stielike defendido pelo goleiro francês Ettori. Afinal, o último seria Platini, certeza de bola na rede. Six perdeu seu pênalti e, depois, o companheiro Boussis fez o mesmo, tirando a chance do selecionado francês de disputar o título. Muitos franceses deixaram de amar o futebol naquele dia.

Os donos da bola

O alemão Horst Dassler reunia as características dos grandes craques da edição do Mundial de 1982: o oportunismo de Paolo Rossi, a astúcia de Maradona, a habilidade de Zico, o carisma de Platini e a contundência de Rummenigge. Dassler, porém, não entrava em campo. Seu jogo se desenrolava nos bastidores do futebol, onde costurava acordos comerciais para a empresa da família, a Adidas, a maior fabricante de artigos esportivos da época.

De maneira discreta, quase que em segredo, o empresário também desempenhava um outro papel muito mais impactante e que transformaria para sempre o mercado global dos esportes: o de arquiteto da florescente indústria do marketing esportivo.

Filho mais velho de Adi Dassler, o fundador da Adidas, Horst Dassler estabeleceu uma parceria com João Havelange, então presidente da Fifa. Para cuidar de seus interesses, o alemão instalou na Fifa um de seus homens de confiança. O suíço Sepp Blatter dirigia a área de esportes e cronometragem da fabricante de relógios Longines quando foi recrutado. Nos seis primeiros meses de novo emprego, praticamente não apareceu na sede do organismo máximo do futebol mundial, pois dava plantão nos escritórios de Dassler aprendendo as maquinações e o funcionamento da política esportiva.

No Mundial da Espanha, o protegido de Dassler já havia sido alçado ao cargo de secretário-geral da Fifa. Foi nessa condição que protagonizou uma confusão no sorteio da Copa, trocando bolas e colocando Bélgica e Escócia nos grupos errados. O erro foi corrigido, mas serviu como um exemplo fiel da organização do torneio.

Talvez a bagunça do sorteio só tenha sido superada pela ojeriza causada pela mascote do Mundial. Os organizadores abriram mão de um Dom Quixote para escolher o Naranjito, uma laranja de chuteiras capaz de assustar as crianças mais pequenas. O escritor Juan Benet expressa o sentimento pela mascote no jornal *El País*: "É preciso suprimi-lo já. Suprimi-lo, aniquilá-lo, enterrá-lo, esquecê-lo como a um mau sonho".

Maus sonhos foram aqueles enfrentados pelo presidente do comitê organizador, Raimundo Saporta, ligado a Santiago Bernabéu, o histórico presidente do Real Madrid. Apesar da experiência como dirigente esportivo, Saporta passou o diabo. Além de se preocupar em fechar a conta do Mundial,

APESAR DA DERROTA, A SELEÇÃO SAI CULTUADA DA COPA

entrou em guerra com Pablo Porta, presidente da federação espanhola de futebol, enfrentou uma ameaça de greve dos jogadores espanhóis, bateu de frente com João Havelange.

Às vésperas da partida de abertura da Copa, Blatter e Havelange foram ao escritório de Saporta em busca de melhores ingressos para os 400 delegados do congresso da entidade. Os bilhetes precisavam ser bem localizados, mas Saporta dizia não poder atender o pedido do presidente da Fifa. Havelange, então, trancou a porta, colocou a chave no bolso e ameaçou: "Se não vierem novos ingressos, nem eu nem o senhor sairemos desta sala".

Na reta final do Mundial, Saporta passou a dar sinais de depressão e apresentou transtornos psicológicos. Rumores diziam que estava louco. Os outros dirigentes celebraram, então, o Pacto da Puera de Hierro, pelo qual Saporta se tornou uma figura decorativa e o homem forte da federação no comitê organizador, Manuel Benito, assumiu as rédeas. "Me fez mal o Mundial de 82", declararia Saporta tempos depois.

O Mundial, no entanto, fez muito bem a Dassler. Os direitos de marketing da Copa pertenciam à empresa Rofa, baseada na Suíça. Poucos sabiam que a Rofa tinha como sócios o ex-jogador Franz Beckenbauer e seu agente, Robert Schwan. De todo modo, a Rofa repassou os direitos para Dassler, o dono da bola.

© GETTY IMAGES

A improvável seleção italiana ergue a taça Fifa na Espanha

Gente de (pouca) visão

Dois anos antes do Mundial da Espanha, a seleção era uma incerteza só, pela ausência de títulos relevantes desde a Copa de 70 no México. Na busca de respostas que dessem alguma esperança ao torcedor, Placar convocou, em 1980, os melhores técnicos brasileiros para passar a limpo o futebol do país.

O encontro reuniu Telê Santana, Zagallo, Cláudio Coutinho, Aymoré Moreira e Oswaldo Brandão. Uma das conclusões do debate foi desalentadora. Para os cinco experientes treinadores, o Brasil sofria com a inexistência de craques. A geração de Pelé havia pendurado as chuteiras sem deixar sucessores. O único citado como fora de série foi o lateral Júnior, lembrado por Coutinho.

Devemos confessar que a falta de visão também se estendeu à Placar. Em dezembro de 1981, a revista vaticinava: se o Brasil voltasse campeão do mundo, Zico, Sócrates e Falcão garantiriam seus lugares na história do futebol. Mas, se perdessem, seriam considerados apenas bons jogadores.

Como se sabe, os técnicos e a Placar erraram feio. Embora aquela geração de jogadores não tenha vencido nenhuma Copa, nenhum Sul-Americano e nem mesmo o Mundialito do Uruguai, a seleção de 1982 é cultuada mundo afora como uma das melhores da história. E Zico, Sócrates e Falcão fazem parte da restrita categoria de craques eternos.

CAUSOS DO MILTÃO

As histórias incríveis, hilárias e 99,3% verdadeiras do futebol

AINDA E SEMPRE CARLOS ALBERTO TORRES E AS HISTÓRIAS DA BOLA

Em 1998 fui contratado por uma construtora para apresentar evento publicitário de lançamento de edifícios no bairro de Moema, em São Paulo. Era época pré-Copa da França e me foi pedido levar ao Clube Pinheiros alguns veteranos consagrados. E jogador de ontem é comigo mesmo!

Convidados, Gylmar dos Santos Neves, Mauro Ramos de Oliveira e Carlos Alberto Torres aceitaram prontamente! O anfiteatro lotou e todos os corretores e funcionários do clube ficaram muito felizes. Pena que o capitão Bellini, chateado com a CBF, não tenha aceitado o convite. E no café da manhã, que a foto abaixo ilustra, o Capita contou, e Gylmar concordou, sobre a "palestra" do técnico Lula (do Santos F.C.), antes daquele inesquecível Cruzeiro 6 x 2 Santos na primeira partida da decisão da Taça Brasil em dezembro de 1966.

"Gente, soube hoje no café da manhã, pelo maître e pelo garçom que me atenderam (imaginem!!!), que esse tal Cruzeiro é um time de garotos muito velozes. Assim, hoje vai ser diferente. Vocês só vão tocar a bola uns 25 ou 30 minutos, que assim que for apagando o fogo deles, a gente faz uns três ou quatro gols e pronto, certo?"

Todos concordaram, e lá pelos 30 minutos estava 4 a 0... para o Cruzeiro!

Depois, no fim de evento, tive a honra de ter sido motorista das três lendas em minha velha Caravan. Deixei o Capitão em Congonhas, Gylmar na rua Bela Cintra e Mauro em uma agência do Banespa na avenida Paulista. Lá, ele depositou seu cheque de 3 mil reais, mesmo cachê de todos. Já pensaram qual seria o valor de hoje?

Café da manhã em boa companhia com o Capita, Gylmar e Mauro Ramos

Minha neta, traduzindo tudo do inglês para mim

O dia em que Michael Schumacher "morreu"!

As fotos são de 29 de dezembro de 2013, dia em que a lenda Michael Schumacher, esquiando, se acidentou tão gravemente em Méribel, na França. No mesmo dia – como antes e depois –, minha família e eu estávamos em Aspen, no Colorado (EUA). Aspen "fervia" por movimento tradicional em época de tudo branco e porque ali também se concentrava um número recorde de esquiadores que lá comemoravam o "Dia do Movimento Gay". E não se falava em outra coisa, entre os apaixonados pelo esqui, que não fosse a "morte" do também esquiador Michael Schumacher. Aspen, os esquiadores e o mundo, assustados e estupefatos, queriam saber a cada minuto se o alemão heptacampeão de F1 resistiria ou não. O empresário brasileiro Abílio Diniz estava também entre nós.

Na foto, minha neta Giulia Beatriz, não monoglota como eu, está me explicando e traduzindo o que a televisão americana havia informado, em detalhes, durante nosso café da manhã no hotel. E, à noite, nós, adultos, fomos a um lotado pub onde só se falava de esqui e de Schumacher com uma paixão digna de argentino discutindo política e de brasileiro vibrando por seu time.

E meus filhos iam me informando que a turma toda, mesmo ao longe, mas com detalhes de especialistas, garantia que "Schumacher morre em horas ou vegeta por anos e anos".

Passados quase três anos do ocorrido com o piloto alemão, a segunda opção dos catedráticos do esporte na neve está se confirmando. Mas tomara que ao final eles errem, com Schumi tendo fantástica e milagrosa recuperação.

CAUSOS DO MILTÃO

As histórias incríveis, hilárias e 99,3% verdadeiras do futebol

AINDA E SEMPRE CARLOS ALBERTO TORRES E AS HISTÓRIAS DA BOLA

Em 1998 fui contratado por uma construtora para apresentar evento publicitário de lançamento de edifícios no bairro de Moema, em São Paulo. Era época pré-Copa da França e me foi pedido levar ao Clube Pinheiros alguns veteranos consagrados. E jogador de ontem é comigo mesmo!

Convidados, Gylmar dos Santos Neves, Mauro Ramos de Oliveira e Carlos Alberto Torres aceitaram prontamente! O anfiteatro lotou e todos os corretores e funcionários do clube ficaram muito felizes. Pena que o capitão Bellini, chateado com a CBF, não tenha aceitado o convite. E no café da manhã, que a foto abaixo ilustra, o Capita contou, e Gylmar concordou, sobre a "palestra" do técnico Lula (do Santos F.C.), antes daquele inesquecível Cruzeiro 6 x 2 Santos na primeira partida da decisão da Taça Brasil em dezembro de 1966.

"Gente, soube hoje no café da manhã, pelo maître e pelo garçom que me atenderam (imaginem!!!), que esse tal Cruzeiro é um time de garotos muito velozes. Assim, hoje vai ser diferente. Vocês só vão tocar a bola uns 25 ou 30 minutos, que assim que for apagando o fogo deles, a gente faz uns três ou quatro gols e pronto, certo?"

Todos concordaram, e lá pelos 30 minutos estava 4 a 0... para o Cruzeiro!

Depois, no fim de evento, tive a honra de ter sido motorista das três lendas em minha velha Caravan. Deixei o Capitão em Congonhas, Gylmar na rua Bela Cintra e Mauro em uma agência do Banespa na avenida Paulista. Lá, ele depositou seu cheque de 3 mil reais, mesmo cachê de todos. Já pensaram qual seria o valor de hoje?

Café da manhã em boa companhia com o Capita, Gylmar e Mauro Ramos

Minha neta, traduzindo tudo do inglês para mim

O dia em que Michael Schumacher "morreu"!

As fotos são de 29 de dezembro de 2013, dia em que a lenda Michael Schumacher, esquiando, se acidentou tão gravemente em Méribel, na França.
No mesmo dia – como antes e depois –, minha família e eu estávamos em Aspen, no Colorado (EUA). Aspen "fervia" por movimento tradicional em época de tudo branco e porque ali também se concentrava um número recorde de esquiadores que lá comemoravam o "Dia do Movimento Gay".
E não se falava em outra coisa, entre os apaixonados pelo esqui, que não fosse a "morte" do também esquiador Michael Schumacher.
Aspen, os esquiadores e o mundo, assustados e estupefatos, queriam saber a cada minuto se o alemão heptacampeão de F1 resistiria ou não.
O empresário brasileiro Abílio Diniz estava também entre nós.
Na foto, minha neta Giulia Beatriz, não monoglota como eu, está me explicando e traduzindo o que a televisão americana havia informado, em detalhes, durante nosso café da manhã no hotel.
E, à noite, nós, adultos, fomos a um lotado pub onde só se falava de esqui e de Schumacher com uma paixão digna de argentino discutindo política e de brasileiro vibrando por seu time.
E meus filhos iam me informando que a turma toda, mesmo ao longe, mas com detalhes de especialistas, garantia que "Schumacher morre em horas ou vegeta por anos e anos".
Passados quase três anos do ocorrido com o piloto alemão, a segunda opção dos catedráticos do esporte na neve está se confirmando. Mas tomara que ao final eles errem, com Schumi tendo fantástica e milagrosa recuperação.